Lenine

Que Fazer?

(FASCÍCULO 2)

Os métodos artesanais dos economistas e a organização dos revolucionários

As afirmações do Rabótcheie Dielo, já examinadas anteriormente, declarando que a luta económica é o meio mais amplamente aplicável de agitação política, que a nossa tarefa consiste, hoje, em conferir à própria luta económica um carácter político etc., reflectem uma concepção estreita das nossas tarefas, não somente em matéria política, mas ainda em matéria de organização. Para conduzir "a luta económica contra os patrões e o governo", não seria necessária uma organização centralizada para toda a Rússia (e ela não poderia constituir-se no curso de tal luta), organização que agrupasse num único ataque comum todas as manifestações, quaisquer que fossem, de oposição política, de protesto e de indignação, organização de revolucionários profissionais, e fosse dirigida pelos verdadeiros chefes políticos de todo o povo. Aliás, isto pode ser facilmente compreendido: qualquer instituição tem a sua estrutura natural inevitavelmente determinada pelo conteúdo da sua accão. Por isso, pelas afirmacões acima analisadas, o Rabótcheie Dielo consagra e legitima a estreiteza não somente da acção política, mas também do trabalho de organização. Neste caso, como sempre, a consciência desse órgão inclina-se diante da espontaneidade. Ora, o culto das formas de organização que se elaboram espontaneamente, o facto de ignorar o quanto é estreito e primitivo o nosso trabalho de organização e até que ponto somos ainda "rudimentares" em relação a esse aspecto importante, o facto de ignorar tudo isto, digo, constitui uma verdadeira doença do nosso movimento. Não uma doença de decadência, mas, evidentemente, de crescimento. Porém, precisamente hoje que a onda de revolta espontânea se espraia — poder-se-ia dizer — até nós, dirigentes e organizadores do movimento, o que é preciso é sobretudo lutar intransigentemente contra a menor tentativa de defender o nosso atraso, de legitimar a estreiteza nesta matéria; é preciso sobretudo despertar entre todos aqueles que participam, ou apenas se dispõem a participar do trabalho prático, o descontentamento em relação ao trabalho artesanal, que reina entre nós, e a firme vontade de nos desembaraçarmos dele.

a) O que é o trabalho artesanal?

Tentaremos responder a esta questão, esboçando o quadro da actividade de um círculo social-democrata típico entre 1894 e 1901. Já assinalámos o entusiasmo geral pelo marxismo da juventude estudantil da época. Certamente, esse entusiasmo visava não apenas o marxismo como teoria, mas também dar resposta à questão "que fazer?", como apelo para se colocar em campo contra o inimigo. E os novos combatentes punham-se em campo com uma preparação e

defendido no Rabótcheie Dielo nº 2-3, p. 83-83, e de forma ainda mais explícita no Vorwarts). Apesar das resoluções de Junho indicarem com precisão a tarefa da social-democracia - "dirigir as menores manifestações da luta do proletariado contra todas as formas de opressão política, económica e social' - exigindo assim que a unidade e o espírito de método seiam levados a tais manifestações de luta, a "União" acrescentava frases completamente inúteis, dizendo que "a luta económica estimulava vigorosamente o movimento de massa" (essas palavras, em si mesmas, estão fora de discussão, mas devido à existência de um "economismo" estreito levariam inevitavelmente a falsas interpretações). Ainda mais, nas emendas às resoluções de Junho chegava-se a restringir a "política", eliminando-se as palayras "um instante" (não esquecer o objectivo do derrube da autocracia) e acrescentando que "a luta económica é o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas na luta política activa". Compreende-se que, após a introdução destas emendas, todos os nossos oradores se tenham recusado a falar. considerando que era totalmente inútil prosseguir as negociações com homens que de novo tendiam para o "economismo" e asseguravam a liberdade de vacilação. "O que a "União" considerou precisamente como a condição sine qua non da solidez do futuro acordo, isto é, a conservação do carácter de independência e de autonomia do Rabótcheie Dielo, o Iskra considerou como obstáculo para a realização desse mesmo acordo" (Dois Congressos, p. 25). Isto é por demais inexacto. Nunca atentámos contra a autonomia do Rabótcheie Dielo. Efectivamente. negámos categoricamente o seu carácter independente, se por isso se entende o "carácter de independência" nas questões de princípio em matéria de teoria e de táctica: as resoluções de Junho implicam justamente a negação absoluta de tal independência, pois essa "independência" sempre significou na prática, repetimos, todo o tipo de vacilações e o apoio ao estado de dispersão de forças em que nos encontramos, e que é insuportável do ponto de vista do Partido. Pelos artigos do nº 10 e pelas suas "emendas", o Rabótcheie Dielo demonstrou claramente o desejo de preservar essa independência de carácter; ora, esse desejo conduziu, natural e inevitavelmente, à ruptura e à declaração de guerra. Mas estávamos prontos a reconhecer "a independência de carácter" do Rabótcheie Dielo, no sentido de que devia dedicar-se a fundações literárias nitidamente determinadas. A distribuição judiciosa dessas funções impunha-se por si própria: 1. revista científica, 2. jornal político, e 3. compilações e brochuras de divulgação. Só o facto de concordar com tal distribuição poderia provar o sincero desejo do Rabótcheie Dielo de acabar de uma vez por todas com os equívocos das resoluções de Junho, apenas tal distribuição eliminaria os atritos eventuais e asseguraria de facto a solidez do acordo, servindo ao mesmo tempo de base a um novo impulso do nosso movimento e a novos sucessos. Não existe um único socialdemocrata russo que duvide que a ruptura definitiva da tendência revolucionária com a tendência oportunista se deveu não a causas de "organização", mas exactamente, ao desejo manifestado pelos oportunistas de consolidar o carácter de independência do oportunismo, e de continuar a lançar a confusão nos espíritos através dos raciocínios à la Kritchévski e à la Martynov.

Redigido no Outono de 1901-Fevereiro de 1902. Publicado pela primeira vez em brochura, em Março de 1902.

um equipamento surpreendentemente primitivos. Em inúmeros casos, quase não havia equipamento nem preparação. lam à guerra como camponeses que tivessem acabado de deixar o arado, simplesmente armados com um bordão. Sem ligação de qualquer espécie com os velhos militantes, sem qualquer ligação com os círculos de outras localidades, nem mesmo de outros bairros (ou estabelecimentos de ensino) da sua própria cidade, sem qualquer coordenação das diferentes partes do trabalho revolucionário, sem qualquer plano sistemático de accão para um período mais ou menos prolongado, um círculo de estudantes entrava em contacto com os operários e punha mãos à obra. O círculo desenvolvia progressivamente uma propaganda e uma agitação cada vez mais intensas; atraía. assim, unicamente através da sua accão, a simpatia de amplos sectores do meio operário, a simpatia de uma certa parte da sociedade instruída, que lhe fornecia dinheiro e colocava à disposição do "comité" novos grupos de jovens. O prestígio do comité (ou da união de luta) aumentava, o seu campo de acção alargava-se, e estendia a sua actividade de uma maneira completamente espontânea: as pessoas que, havia um ano ou alguns meses, tomavam a palavra nos círculos estudantis para responder à questão: "para onde ir?"; que estabeleciam e mantinham relações com os operários, passaram a compor e a lançar "folhas volantes", a estabelecer relações com outros grupos de revolucionários, a arranjar publicações, a empreender a edição de um jornal local, a começar a falar em organizar uma manifestação, passaram, enfim, às operações militares declaradas (e esta acção militar declarada poderia ser, segundo as circunstâncias, o primeiro panfleto de agitação, o primeiro número de um jornal, a primeira manifestação). Em geral, essas operações conduziam ao fracasso imediato e completo, desde o seu início. Imediato e completo, porque essas operações militares não eram o resultado de um plano sistemático, preparado de antemão e estabelecido a longo termo, mas, simplesmente o desenvolvimento espontâneo de um trabalho de círculo conforme o costume; porque a policia, como é natural, conhecia quase sempre todos os principais militantes do movimento local, que já "tinham dado que falar" nos bancos da Universidade, e, aguardando o momento mais propício para uma invasão, deixava, propositadamente, o círculo alargar-se e estender-se para ter um corpus delicti tangível, e de cada vez deixava, de caso pensado, alguns indivíduos "para semente" (é a expressão técnica empregada, pelo que sei, tanto pelos nossos como pelos da polícia). Não se pode deixar de comparar esta guerra a uma marcha de bandos de camponeses armados de bordões, contra um exército moderno. E não se pode deixar de admirar a vitalidade de um movimento que aumentava, que se estendia e obtinha vitórias, apesar de uma ausência completa de preparação entre os combatentes. É verdade que o carácter primitivo do armamento era, historicamente, não apenas inevitável a princípio, mas até legítimo, visto que permitia atrair grande número de combatentes. Mas, desde que começaram as operações militares sérias (mais propriamente, com as greves do Verão de 1896), as lacunas da nossa organização militar fizeram-se sentir cada vez mais. Após um momento de surpresa e uma série de falhas (como atrair a opinião pública para os crimes dos socialistas, ou a deportação dos operários das capitais para os centros industriais da província), o governo não demorou a adaptar-se às novas condições de luta e soube dispor, em pontos convenientes, os parte, imagino o que semelhante "defesa" custaria ao orador que fez uso da expressão. Penso que as palavras "queria-se apanhar alguém" "foram pronunciadas em tom de brincadeira, mas levadas a sério"; sempre acusámos o Rabótchiei Dielo de instabilidade e vacilações. Portanto, é natural que se tenha desejado apanhá-lo, para tornar as vacilações impossíveis no futuro. Quanto às más intenções, tal não era a questão, pois tratava-se da instabilidade de princípios. E conseguimos "apanhar": a "União" assumiu tanta camaradagem que as resoluções de Junho foram assinadas pelo próprio B. Kritchévski e um outro membro da administração da "União". Os artigos do nº 10 do Rabótcheie Dielo (os nossos camaradas só puderam ver esse número quando chegaram ao congresso, alguns dias antes da abertura das sessões) mostraram nitidamente que, entre o Verão e o Outono, uma nova "viragem" ocorrera na "União": os "economistas" haviam tomado a dianteira, outra vez, e a redacção, que voga "ao sabor do vento", recomeçara a defender "os bernsteinianos mais declarados", a "liberdade de crítica" e a "espontaneidade", e a pregar pela boca de Martynov a "teoria da restrição" da esfera da nossa influência política com o objectivo de, pretensamente, acentuar essa influência). A justa observação de Parvus, de que não é difícil apanhar um oportunista com a armadilha de uma simples assinatura, mais uma vez foi confirmada: facilmente ele assinará qualquer papel, e com a mesma facilidade negará tal assinatura, pois o oportunismo contém em si exactamente a ausência de princípios determinados e firmes. Hoje os oportunistas repudiam qualquer tentativa de introduzir o oportunismo e todo o tipo de estreiteza, prometendo solenemente "não esquecer um só instante a derrube da autocracia", fazer "a agitação não só contra o capital" etc. etc. E amanhã mudarão o discurso e retomarão os velhos métodos sob o pretexto de defender a espontaneidade, a marcha progressiva da obscura luta quotidiana, exaltando as reivindicações que deixam entrever resultados tangíveis etc.. Continuando a afirmar que nos artigos do nº 10 a "União" não via, nem vê, qualquer digressão herética dos princípios gerais que fundamentaram o projecto da conferência (Dois Congressos, p. 26), manifesta assim apenas total incapacidade ou recusa de compreender a essência das divergências. Após o nº 10 do Rabótcheie Dielo só nos resta mais uma única tentativa: estabelecer uma discussão geral para nos certificarmos se toda a "União" está solidária com esses artigos e com seu comité de redacção. E é isto que desagrada particularmente à "União": acusa-nos de querermos semear a discórdia dentro dela, de nos intrometermos onde não somos chamados etc. Acusações gratuitas, evidentemente, pois com uma redacção eleita, que "vira" à mais ligeira brisa, tudo depende de que lado sopra a brisa, e nós determinámos tal orientação em privado, onde não havia senão membros das organizações que desejavam unir-se. A proposta feita em nome da "União" sobre as emendas às resoluções de Junho dissolveu a nossa última esperança de entendimento. Tais emendas confirmaram o facto de a nova "viragem" ser em direcção ao "economismo" e de a solidariedade da maioria da "União" ser com o nº 10 do Rabótcheie Dielo. Do conjunto dessas manifestações de oportunismo, eliminava-se o que se chama de "economismo" (por causa da pretensa "indeterminação do sentido" dessas palavras embora disso decorra a necessidade se definir com maior precisão a essência do erro amplamente difundido); eliminava-se também o "millerandismo" (embora B. Kritchévski o tenho

mediação de um novo grupo de "conciliadores". Uma conferência preliminar, composta por representantes das três organizações acima citadas realizou-se no mês de Junho e elaborou um projecto de tratado na base de um "acordo de princípios", bastante detalhado, que a "União" fez imprimir na brochura "Documentos do Congresso de Unificação". O conteúdo desse acordo de princípios (ou resoluções da conferência de Junho, como é chamado mais frequentemente) mostra com toda a clareza que colocávamos como condição expressa dessa Unificação, a negação definitiva de todas as manifestações de oportunismo em geral, e de oportunismo russo em particular. Diz o primeiro parágrafo: "Repudiamos qualquer tentativa de levar o oportunismo à luta de classe do proletariado, tentativa que está traduzida no que se chama de "economismo". bernsteinismo, millerandismo, etc." "A actividade da social-democracia compreende... a luta ideológica contra todos os adversários do marxismo revolucionário" (§ 4, letra c). "Em todas as esferas do trabalho de organização e de agitação, a social-democracia não deve perder de vista por nenhum instante a tarefa imediata do proletariado russo: o derrube da autocracia" (§ 5. letra a): ... "a agitação não apenas no campo da luta quotidiana dos assalariados contra o capital" (§ 5, b); "não reconhecendo... a fase da luta puramente económica e da luta pelas reivindicações políticas específicas" (§3, c); ... "consideramos importante para o movimento a crítica das tendências que erigem em princípio.... o carácter elementar e a estreiteza das formas internas do movimento" (§5, d). Mesmo a pessoa mais desinteressada, após ler com alguma atenção estas resoluções, verá pela própria maneira como foram formuladas, que visam aqueles que se mostraram oportunistas e "economistas"; que esqueceram, por um instante, a tarefa de derrubar a autocracia; que reconheceram a teoria dos estádios, erigida em princípio de estreiteza etc. E quem conhece, ainda que pouco, a polémica estabelecida contra o Rabótcheie Dielo pelo grupo "Libertação do Trabalho", a Zaria e o Iskra, não pode duvidar seguer um instante que essas resoluções rejeitam, ponto por ponto. exactamente os erros em que o Rabótcheie Dielo incorreu. Por isso, quando os membros da "União" declararam ao congresso de "unificação" que os artigos inseridos no nº 10 do Rabótcheie Dielo não eram consequência da nova "viragem histórica" da "União", mas, do carácter desmesuradamente "abstracto" das resoluções, um orador teve toda razão de zombar disso. As resoluções estão longe de ser abstractas, respondeu ele: são extremamente concretas: basta um simples olhar para compreender que se queria "apanhar alguém". Esta última expressão daria origem, no congresso, a um episódio caracterizador. De um lado, B. Kritchévski agarrou-se à palavra "apanhar", acreditando que se tratava de um lapso que denunciaria más intenções da nossa parte ("armar uma cilada"), e gritou pateticamente: "Quem é que se queria apanhar? - "Sim, quem?", perguntou Plekhanov, irónico. "Vou suprir a deficiência de perspicácia do camarada Plekhanov", respondeu B. Kritchévski, "vou-lhe explicar quem se queria apanhar: a redacção do "Rabótcheie Dielo" (riso geral). "Mas não nos deixamos apanhar!" (exclamações à esquerda: "pior para vocês!"). De outro lado, o membro do grupo "Borba" (grupo de conciliadores), falando contra as emendas da "União" às resoluções e desejoso de defender o nosso orador, declarou que a palavra "apanhar" tinha sem dúvida escapado por acaso, no fogo da polémica. Da minha

seus destacamentos de provocadores, de espiões e de polícias, devidamente instruídos. As armadilhas tornaram-se tão frequentes, atingiram tantas pessoas. esvaziaram a tal ponto os círculos locais, que a massa operária perdeu literalmente todos os seus dirigentes, o movimento tornou-se incrivelmente desordenado, sendo impossível estabelecer-se qualquer continuidade e coordenação no trabalho. A extraordinária dispersão dos militantes locais, a composição fortuita dos círculos, as falhas de preparação e a estreiteza de perspectivas nas questões teóricas, políticas e de organização constituíram o resultado inevitável das condições descritas. Em certos lugares, mesmo, vendo a nossa falta de firmeza e de organização em conspirar, os operários passaram a afastar-se dos intelectuais por desconfianca, dizendo que provocavam as prisões pela sua imprudência! Hoje qualquer militante, mesmo pouco iniciado no movimento, já sabe que esses métodos artesanais foram considerados pelos sociais-democratas sensatos como uma verdadeira doenca. Mas, para o leitor não iniciado não pensar que "construímos" artificialmente uma determinada etapa ou uma determinada doenca do movimento, recorreremos a um testemunho já uma vez invocado. Que nos perdoem a longa citação. "Se a passagem gradual a uma acção prática mais ampla", escreve B-v no nº 6 do Rabótcheie Dielo, "passagem que está em função directa do período geral de transição que atravessa o movimento operário russo, é um traco característico... existe ainda, no conjunto do mecanismo da revolução operária russa um outro traço não menos interessante. Queremos referir-nos à insuficiência de forcas revolucionárias próprias para a accão, que se faz sentir não apenas em Petersburgo, mas em toda a Rússia. À medida que o movimento operário se acentua, que a massa operária se desenvolve, que as greves se tornam mais frequentes, que a luta de massas dos operários se faz de forma mais aberta, luta que reforça as perseguições governamentais, prisões, expulsões e deportações, essa falta de forças revolucionárias altamente qualificada torna-se mais sensível e, sem dúvida, não deixa de influir na profundidade e no carácter geral do movimento. Muitas greves desenrolam-se sem que as organizações revolucionárias exerçam sobre elas uma acção directa e enérgica... Há falta de "folhas" de agitação e de publicações ilegais... os círculos operários ficam sem agitadores... Além disso, a falta de dinheiro faz-se sentir continuamente. Numa palavra, o crescimento do movimento operário ultrapassa o crescimento e o desenvolvimento das organizações revolucionárias. O efectivo de revolucionários em accão é demasiado insignificante para poder influenciar toda a massa operária em efervescência, para oferecer a todos os distúrbios ao menos uma sombra de coerência e de organização... Tais círculos, tais revolucionários não estão unidos, nem agrupados; não formam uma organização coerente, forte e disciplinada, com partes metodicamente desenvolvidas"... E após ter feito a reserva de que o aparecimento imediato de novos círculos em lugar daqueles que foram destruídos, "prova apenas a vitalidade do movimento... mas, não demonstra ainda a existência de uma quantidade suficiente de militantes revolucionários perfeitamente firmes", o autor conclui: "A falta de preparação prática dos revolucionários de Petersburgo repercute-se também sobre os resultados do seu trabalho. Os últimos processos, especialmente os dos grupos "Autolibertação" e "Luta do Trabalho Contra o Capital" mostraram

nitidamente que um jovem agitador não familiarizado perfeitamente com as condições do trabalho e, por conseguinte, da agitação em determinada fábrica, ignorando os princípios da acção clandestina e tendo apreendido" (apreendido?) "apenas os princípios gerais da social-democracia, pode trabalhar uns quatro, cinco, seis meses. Depois vem a prisão que frequentemente ocasiona a derrocada de toda a organização, ou ao menos de uma parte. Pode um grupo trabalhar com proveito e êxito, quando a sua existência está limitada a uns poucos meses? É evidente que não seria possível atribuir inteiramente as falhas das organizações existentes ao período de transição... é evidente que a quantidade e sobretudo a qualidade do efectivo das organizações em actividade desempenham aqui um papel importante, e a primeira tarefa dos nossos sociais-democratas... deve ser a de unir realmente as organizações entre si, com uma rigorosa selecção dos seus membros."

b) Trabalho artesanal e "economismo"

Vamos agora deter-nos numa questão que, certamente, já se colocou ao leitor. O trabalho artesanal, doenca de crescimento que afecta todo o movimento, pode estar em conexão com o "economismo", considerado como uma das tendências da social-democracia russa? Cremos que sim. A falta de preparação prática, de habilidade no trabalho de organização é realmente comum a todos nós, mesmo àqueles que, desde o início, se mantiveram fiéis ao ponto de vista do marxismo revolucionário. E, certamente, ninguém poderia incriminar os práticos por essa falta de preparação. Mas, esses "métodos artesanais" não se encontram apenas na falta de preparação: estão também na estreiteza do conjunto do trabalho revolucionário em geral, na incompreensão do facto de que essa estreiteza impede a constituição de uma boa organização de revolucionários, enfim — e é o principal — encontram-se nas tentativas de justificar essa estreiteza e de erigi-la em "teoria" particular, isto é, no culto da espontaneidade também nesse campo. Desde as primeiras tentativas deste género, que se tornou evidente a ligação dos métodos artesanais ao "economismo" e que não nos livraríamos da nossa estreiteza no trabalho de organização antes de nos livrarmos do "economismo" em geral (isto é, da concepção estreita da teoria do marxismo, do papel da social-democracia e das suas tarefas políticas). Ora, essas tentativas foram feitas em duas direcções. Uns começaram a dizer: a massa operária não formulou ainda, ela própria, tarefas políticas tão extensas e tão manifestas como as que lhe "são impostas" pelos revolucionários; deve ainda lutar pelas reivindicações políticas imediatas, conduzir "a luta económica contra os patrões e o governo" (e a esta luta "acessível" ao movimento de massas corresponde naturalmente uma organização "acessível" mesmo à juventude menos preparada). Outros, afastados de todo o "gradualismo" declararam: pode-se e deve-se "realizar a revolução política", mas, para isso, não há necessidade de se criar uma forte organização de revolucionários que eduquem o proletariado para uma luta firme e obstinada, basta que todos nós tomemos o bordão "acessível" e já conhecido. Para falar sem alegorias, é preciso organizar a greve geral ou estimular através de "um terrorismo excitativo" o movimento operário "adormecido". Essas duas

Anexo: sobre a unificação do Iskra e do Rabotcheie Dielo

Resta-nos analisar a táctica que o Iskra adoptou e sistematicamente praticou nas relações de organização com o Rabótcheie Dielo, táctica que já foi perfeitamente explicada num artigo dos Iskra, no nº 1, sobre a "Cisão da União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro". Adoptámos imediatamente o ponto de vista de que a verdadeira "União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro", reconhecido no primeiro congresso do nosso Partido pelo delegado no estrangeiro. se cindiu em duas organizações; que a questão da representação do Partido permanece aberta, sendo resolvida apenas provisória e condicionalmente pelo facto de dois membros representantes da Rússia terem sido designados para o Conselho Socialista Internacional Permanente, um por cada parte da "União" dividida. Declarámos que, no fundo, o Rabótcheie Dielo estava errado, deliberadamente nos colocámos, por princípio, ao lado do grupo "Libertação do Trabalho" e, recusando ao mesmo tempo entrar nos detalhes da cisão, assinalámos o mérito da "União" em relação ao trabalho puramente prático. A nossa posição, portanto, era até certo ponto uma posição de expectativa: concordáramos com a opinião que dominava entre a maioria dos sociais-democratas russos - de que mesmo os inimigos mais declarados do "economismo" podiam trabalhar de mãos dadas com a "União", tendo esta proclamado mais de uma vez a sua concordância de princípios com o grupo "Libertação do Trabalho", sem pretender (parecia), afirmar o seu carácter de independência nas questões fundamentais da teoria e da táctica. A correcção da posição que adoptámos foi confirmada, indirectamente, pelo seguinte facto: quase ao mesmo tempo que aparecia o primeiro número do Iskra (Dezembro de 1900). três membros separavam-se da "União" para formar o que se chamou "Grupo de Iniciadores", e dirigiram-se: 1. à secção do estrangeiro da organização do Iskra, 2. à organização revolucionária "social-democrata" e 3. à "União", para oferecer a sua mediação nas negociações de reconciliação. As duas primeiras organizações concordaram imediatamente, a terceira recusou. A verdade é que quando um orador expôs estes factos no congresso de "unificação" do ano passado, um membro da administração da "União" declarou que tal recusa se devia exclusivamente ao facto de a "União" estar descontente com a composição do "Grupo de Iniciadores". Julgando ser meu dever participar nessa explicação, não posso, contudo, deixar de notar, da minha parte, que considero tal explicação insuficiente: conhecendo o acordo das duas organizações para estabelecer as conversações, a "União" poderia dirigir-se a elas, através de outro intermediário ou directamente. Na Primavera de 1901, a Zaria (nº 1, Abril) e o Iskra (nº 4, Maio) deram início a uma polémica directa contra o Rabótcheie Dielo. O Iskra atacou sobretudo a "Viragem Histórica" do Rabótcheie Dielo que, na sua edição de Abril e portanto depois dos acontecimentos da Primavera, se mostrou hesitante quanto ao entusiasmo pelo terror e os apelos "sanguinolentos". Apesar dessa polémica, a "União" aceitou o reinício das negociações para a reconciliação através da

espontâneo, entre os militantes sociais-democratas já predominava uma outra fase, porque alimentados quase que unicamente pela literatura marxista "legal", esta se revelava cada vez mais insuficiente, uma vez que a espontaneidade das massas exigia desses militantes um cada vez maior grau de consciência. Os dirigentes não apenas ficaram para trás no plano teórico ("liberdade de critica"), como também no plano prático ("métodos artesanais de trabalho"), e ainda procuraram justificar o seu atraso com toda espécie de argumentos grandiloquentes. A social-democracia foi rebaixada ao nível do sindicalismo, tanto pelos brenstanistas da literatura legal como pelos seguidores da literatura ilegal. O programa do Credo começou a realizar-se, principalmente quando o "trabalho artesanal" dos sociais-democratas, reanimou as tendências revolucionárias não sociais-democratas. E se o leitor me recrimina por ter me ocupado demasiadamente de um jornal como o Rabótcheie Dielo, responderei: O Rabótcheie Dielo assumiu importância "histórica", porque traduziu da forma mais relevante o "espírito" desse terceiro período.

Não era o consequente R. M., mas Kritchévski e Martynov que giravam como cata-ventos e que podiam exprimir da melhor forma a dispersão e as oscilações, o empenho em fazer concessões à "crítica", ao "economismo" e ao terrorismo. Não é o majestoso desdém pela prática, de um admirador qualquer do "absoluto" que caracteriza esse período, mas exactamente a conjugação de um praticismo mesquinho e da mais completa despreocupação em relação à teoria. Os heróis desse período não se preocuparam tanto em negar directamente as "grandes frases" como em banalizá-las: o socialismo científico deixou de ser um corpo de doutrina revolucionária e tornou-se uma mistura confusa, à qual foi acrescentado "livremente" o conteúdo de qualquer manual alemão novo; a palavra de ordem, "luta de classes", não conduzia a uma acção cada vez mais extensa e enérgica servia de desvanecedor, pois a "luta económica está indissoluvelmente ligada à luta política", a ideia de partido não estimulava a criação de uma organização revolucionária de combate, justificando uma espécie de "burocratismo revolucionário" e uma tendência pueril em brincar com as formas "democráticas". Ignoramos quando terminará o terceiro período e terá início o quarto (que, em todo caso, já se anuncia por numerosos sintomas). Do domínio da história, passamos aqui para o domínio do tempo presente e, em parte, para o do futuro. Mas temos a firme convicção que o quarto período conduzirá à consolidação do marxismo militante; que a social-democracia russa sairá da crise mais forte e viril; que a retaguarda dos oportunistas será "rendida"pela verdadeira vanguarda da mais revolucionária das classes. Exortando para que se faca essa "rendição" e resumindo tudo o que foi exposto anteriormente, podemos dar à pergunta "Que fazer?" uma breve resposta: Liquidar o terceiro período

tendências, a oportunista e a "revolucionária", capitulam diante dos métodos artesanais dominantes, não crêem na possibilidade de se libertarem deles, não vêem a nossa primeira e mais urgente tarefa prática: criar uma organização de revolucionários capaz de assegurar à luta política energia, firmeza e continuidade. Acabámos de citar as palavras de B-v: "O crescimento do movimento operário ultrapassa o crescimento e o desenvolvimento das organizações revolucionárias". Essa "comunicação preciosa de um observador bem colocado" (opinião emitida pela redação do Rabótcheie Dielo sobre o artigo de B-v) é para nós duplamente preciosa. Mostra que tínhamos razão de ver a causa fundamental da crise actual da social-democracia russa no atraso dos dirigentes ("ideólogos", revolucionários. sociais-democratas) em relação ao impulso espontâneo das massas. Mostra que existe apenas a defesa e a exaltação dos métodos artesanais em todos esses raciocínios dos autores da carta economista (Iskra, nº 12), B. Kritchévski e Martynov, sobre o perigo que existe em minimizar o papel do elemento espontâneo, da obscura luta quotidiana, da táctica-processo etc. Essas pessoas que não podem pronunciar sem desdém a palavra "teórico", que denominam por "sentido das realidades" a sua idolatria perante a falta de preparação para as coisas da vida e a falta de desenvolvimento, mostram de facto a sua ignorância das nossas tarefas práticas mais prementes. As pessoas que se atrasam, gritam: marquem passo! Não se adiantem! Aqueles que, no trabalho de organização, carecem de energia e de iniciativa, àqueles que carecem de "planos" de perspectivas amplas e corajosas, falam da "táctica-processo"! O nosso erro capital é rebaixar as nossas tarefas políticas e de organização ao nível dos interesses imediatos, "tangíveis", "concretos" da luta económica quotidiana, e não param de nos dizer: é preciso conferir à própria luta económica um carácter político! Mais uma vez repetimos: isto constitui exactamente um "senso das realidades" comparável ao do herói da epopeia popular, que exclamava à vista de um cortejo fúnebre, "tomara que tenham sempre algo que transportar". Lembremse da incomparável presunção, verdadeiramente digna de Narciso, com a qual esses sábios repreendiam Plekhanov: "As tarefas políticas, no sentido real e prático da palavra, isto é, no sentido de uma luta prática, racional e vitoriosa para as reivindicações políticas, são em princípio (sic) inacessíveis aos círculos operários" ("Resposta da redacção do Rab. Dielo", p. 24). Existem círculos e círculos, senhores! Evidentemente, as tarefas políticas são inacessíveis a um círculo de "artesãos", enquanto estes não tomarem consciência de que os seus métodos são artesanais e não se livrarem deles. Mas se, além disso, esses artesãos estão enamorados dos seus métodos artesanais, se escrevem a palavra "prático" em itálico e imaginam que ser prático é rebaixar as nossas tarefas ao nível da compreensão pelas massas mais atrasadas, então, evidentemente, esses artesãos são incuráveis e as tarefas políticas em princípio são-lhes realmente inacessíveis. Mas, para um círculo de corifeus, como Alexeiev e Mychkine, Khalturine e Jeliabov, as tarefas políticas são inacessíveis no sentido mais verdadeiro, mais prático da palavra, e isto exactamente porque a sua ardente propaganda encontra eco na massa que desperta espontaneamente; porque a sua energia fervilhante é restabelecida e sustentada pela energia da classe revolucionária. Plekhanov tinha mil vezes razão não apenas quando assinalou a

existência dessa classe revolucionária e provou que o seu despertar espontâneo para a accão era inelutável, infalível, mas, também quando designou para os "círculos operários", uma grandiosa e importante tarefa política. Quanto a vocês. invocam o movimento de massas que surgiu desde então para rebaixar essa tarefa, para restringir o campo de accão e de energia dos "círculos operários". O que é isso senão o apego do artesão aos seus métodos artesanais? Vangloriamse do seu espírito prático, e não vêem o facto conhecido de cada prático russo: que maravilhas pode realizar, em matéria revolucionária, a energia não apenas de um círculo, mas mesmo de um indivíduo isolado. Acreditam vocês, por acaso, que não podem existir no nosso movimento dirigentes como os da década de 1870? Porquê? Porque estamos pouco preparados? Mas nós preparámo-nos, continuaremos a preparar-nos e estaremos preparados! É verdade que à superfície dessa água estagnada, que é a "luta económica contra os patrões e o governo", infelizmente formou-se o limo; apareceram pessoas que se ajoelharam para adorar a espontaneidade, contemplando religiosamente (segundo a expressão de Plekhanov) o "traseiro" do proletariado russo. Mas, saberemos livrarnos desse limo. Precisamente hoje, o revolucionário russo, orientado por uma teoria verdadeiramente revolucionária, apoiando-se numa classe verdadeiramente revolucionária que desperta espontaneamente para a acção, pode enfim enfim! — reerquer-se em toda a sua estatura e empregar toda a sua forca de gigante. Para isso é preciso apenas que, entre a massa dos práticos e a massa ainda mais numerosa de pessoas que sonham com a accão prática desde os bancos da escola, todas as tentativas de rebaixar as nossas tarefas políticas e de restringir a envergadura de nosso trabalho de organização sejam consideradas com desprezo e recebidas jocosamente. E figuem tranquilos, senhores, chegaremos lá! No artigo "Por Onde Começar?" escrevi contra o Rabótcheie Dielo: "Em 24 horas, pode-se modificar a táctica da agitação nalgum ponto especial, modificar um detalhe qualquer na actividade do Partido. Mas, para modificar, não direi em 24 horas, mas até em 24 meses, as suas concepções sobre a utilidade geral, permanente e absoluta de uma organização de combate e de uma agitação política nas massas, é preciso estar desprovido qualquer princípio orientador." O Rabótcheie Dielo responde: "Essa acusação do Iskra, a única que pretende ter um carácter prático, está destituída de todo o fundamento. Os leitores do Rabótcheie Dielo sabem muito bem que desde o princípio não apenas exortámos à agitação política, sem esperar que aparecesse o Iskra "... (dizendo, então, que "não se pode colocar" aos círculos operários, "nem ao movimento operário de massa, como primeira tarefa, a derrubamento do absolutismo", mas apenas a luta pelas reivindicações políticas imediatas, e que "as reivindicações políticas imediatas só se tornam acessíveis às massas após uma, ou às vezes, numerosas greves")... "mas, através de nossas publicações, também, fizemos chegar do estrangeiro aos camaradas militando na Rússia material social-democrata de agitação política único"... (acrescentamos que com esse material único não só fizeram agitação política maior do que a feita no campo da luta económica, mas também concluíram, enfim, que essa agitação limitada "é susceptível de ser a mais amplamente aplicada". E os senhores não repararam que a vossa argumentação prova justamente a necessidade do aparecimento do Iskra — dado esse material

Conclusão

A história da social-democracia russa divide-se nitidamente em três períodos. O primeiro abrange uma dezena de anos, aproximadamente de 1884 a 1894. Foi o período do nascimento e consolidação da teoria e do programa da socialdemocracia. Os partidários da nova orientação na Rússia contavam-se pelos dedos. A social-democracia existia sem o movimento operário e atravessava, como partido político, um período de gestação. O segundo período estende-se por três ou quatro anos, de 1894 a 1898. A social-democracia vem ao mundo como movimento social, como ascensão das massas populares, como partido político. É o período da infância e da adolescência. Com a rapidez de uma epidemia, o entusiasmo geral pela luta contra o populismo propaga-se entre os intelectuais, que vão aos operários, bem corno se difunde o entusiasmo geral dos operários pelas greves. O movimento faz enormes progressos. A maior parte dos dirigentes é constituída por jovens, que ainda não atingiram e ainda estão longe "dos trinta e cinco anos", que o Sr. N. Mikhailóvski considerava como uma espécie de limite natural. Por causa da sua juventude, revelam-se pouco preparados para o trabalho prático e saem de cena com muita rapidez. Na maioria das vezes, porém, o seu trabalho apresentava grande amplitude. Muitos de entre eles tinham começado a pensar como revolucionários, como Narodovoltsy. Quase todos, na sua primeira juventude, haviam cultivado o heroísmo do terror. Para subtraí-los à sedução dessa tradição heróica, foi preciso lutar, romper com pessoas que queriam a qualquer custo permanecer fiéis à "Narodnaia Volia", e a quem os jovens sociaisdemocratas tinham em alta estima. A luta impunha que se instruíssem, que lessem obras ilegais de todas as tendências, que se ocupassem intensamente dos problemas do populismo legal. Formados nessa luta, os sociais-democratas iam ao movimento operário, sem esquecer "um instante" a teoria marxista, que os iluminava como uma luz brilhante, nem o objectivo de derrubar a autocracia. A formação de um Partido, na primavera de 1898, foi o facto mais marcante e ao mesmo tempo o último acto dos sociais-democratas desse período. O terceiro período anuncia-se, como vimos, em 1897 e substitui em definitivo o segundo período em 1898 (1898-?). É um período de dispersão, de desagregação, de vacilação. Tal como entre os adolescentes ocorre a mudança de voz, também a voz da social-democracia russa desse período comecou a mudar, a soar a falso de um lado, nas obras dos senhores Struve e Prokopovitch. Bulgakov e Berdiaiev: de outro, nas de V.I. e R. M., entre B. Kritchévski e Martynov. Mas os únicos a errar foram os dirigentes, cada um da sua maneira, e a retroceder: o movimento continuava a estender-se, a avançar a passos de gigante. A luta proletária ganhava novas camadas de operárias e propagava-se através da Rússia, contribuindo ao mesmo tempo, indirectamente, para reanimar o espírito democrático entre os estudantes e as outras categorias da população. Mas se a consciência dos dirigentes cedeu diante da grandeza e forca do impulso

locais aprenderiam a reagir simultaneamente aos problemas, incidentes ou acontecimentos políticos que apaixonam toda a Rússia, a responder a esses "acontecimentos" da forma mais enérgica, uniforme e racional possível. Pois, no fundo, a insurreição constitui a "resposta" mais enérgica, uniforme e racional de todo o povo ao governo. Tal acção ensinaria, de forma precisa, a todas as organizações revolucionárias, em todos os pontos da Rússia, a manter entre si relações mais regulares e, ao mesmo tempo, mais clandestinas, relações que dariam origem à unidade efectiva do Partido, e sem as quais é impossível discutir colectivamente o plano de insurreição e tomar, às vésperas dessa insurreição, as medidas preparatórias necessárias, que devem ser mantidas no mais rigoroso sigilo. Numa palavra, o "plano de um jornal político para toda a Rússia" não é fruto de um trabalho de gabinete, realizado por pessoas corrompidas pelo doutrinarismo e pela "literatura falsificada" (como pareceu a pessoas que não reflectiram o bastante sobre ele); pelo contrário, é um plano principalmente prático para que nos possamos preparar para a insurreição, imediatamente e de todos os lados, sem que o trabalho normal e quotidiano seja esquecido por um instante.

único — e a necessidade de o Iskra lutar contra o Rabótcheie Dielo ?)... "Por outro lado, a nossa actividade como editores preparou de facto a unidade táctica do partido"... (a unidade de convicção de que a táctica é um processo de crescimento das tarefas do partido, que crescem ao mesmo tempo que o Partido? Unidade preciosa!)... "e, por isso mesmo, a possibilidade de "uma organização de combate", para a criação daquela União, tornou em geral tudo isso acessível a uma organização residente no estrangeiro" (R. D., nº 10, p. 15). Vã tentativa para se sair do embaraco! Jamais pensei em contestar que tenham feito tudo o que lhes era acessível. Afirmei e ainda afirmo que os limites do que lhes é "acessível" encontram-se cerceados pela estreiteza da vossa compreensão. É ridículo falar de "organização de combate" para lutar em favor das "reivindicações políticas imediatas", ou para "a luta económica contra os patrões e o governo". Mas, se o leitor quiser ver as pérolas do apego "economista" aos métodos artesanais, seria preciso naturalmente dirigir-se não ao Rabótcheie Dielo, eclético e instável, mas à Rabótchaia Mysl, lógica e resoluta. "Duas palavras, agora, sobre o que se denomina, propriamente, a intelectualidade revolucionária", escrevia R. M. no "Suplemento especial", p. 13; "provaram, é verdade, e mais de uma vez, que estão prontos a "integrar a luta decisiva contra o czarismo". Somente, o mal é que, perseguida sem tréguas pela polícia política, a nossa intelectualidade revolucionária tomou a luta contra essa polícia política por uma luta política contra a autocracia. Por isso, a questão, "Onde buscar forças para a luta contra a autocracia?", ainda não encontrou resposta. Não é realmente admirável esse desprezo pela luta contra a polícia, da parte de um adorador (no sentido pejorativo da palavra) do movimento espontâneo? Está pronto a justificar a nossa imperícia na accão clandestina com o argumento de que. num movimento espontâneo de massas, a luta contra a polícia, em suma, não tem importância para nós!! Muito poucos subscreverão essa conclusão monstruosa, tal é o grau e a forma dolorosa em que são sentidas, por todos, as falhas das nossas organizações revolucionárias. Mas se Martynov, por exemplo, não a subscreve, é unicamente porque não sabe ir até o fim do seu pensamento, ou não tem coragem para tanto. De facto, se as massas apresentam reivindicações concretas prometendo resultados tangíveis, constitui isso uma "tarefa" que exige uma preocupação particular com a criação de uma organização sólida, centralizada, combativa? As massas que não "lutam de modo algum contra a polícia política" não se incumbem. elas próprias, dessa "tarefa"? Mais ainda, essa tarefa seria executável se, com excepção de raros dirigentes, os operários (na sua grande maioria), que não são de forma alguma capazes de "lutar contra a polícia política", também não se encarregassem dela? Esses operários, os elementos médios das massas, são capazes de demonstrar uma energia e uma abnegação prodigiosas numa greve, num combate de rua com a polícia e as tropas policiais; são capazes (e são os únicos capazes) de decidir o resultado de todo o nosso movimento; porém. justamente a luta contra a polícia política exige qualidades especiais, exige revolucionários profissionais. E devemos estar vigilantes para que a massa operária não "apresente" apenas reivindicações concretas, mas que "apresente" um número cada vez maior desses revolucionários profissionais. Chegamos, assim, à questão da relação entre a organização dos revolucionários profissionais

e o movimento puramente operário. Essa questão, pouco desenvolvida na literatura, já nos ocupou bastante a nós, "políticos", nas nossas conversas e discussões com os camaradas que, de uma maneira ou de outra, tendem para o "economismo". Vale a pena que nos detenhamos nessa questão. Mas, antes, terminemos com outra citação, a ilustração da nossa tese sobre a ligação dos métodos artesanais ao "economismo". "O grupo 'Libertação do Trabalho", escrevia N.N. na sua "Resposta", "reclama a luta directa contra o governo sem buscar saber onde está a forca material para essa luta, sem indicar o caminho que ela deve seguir". E sublinhando essas últimas palavras, o autor faz a seguinte observação a respeito da palavra "caminho": "Este facto não poderia ser explicado pelas necessidades da accão clandestina; de facto, no programa não se trata de uma conspiração, mas de um movimento de massa. Ora, a massa não pode seguir caminhos secretos. É possível uma greve secreta? São possíveis manifestações ou peticões secretas?" (Vademecum, p. 59). O autor aborda de perto essa "forca material" (organizadores de greves e de manifestações) e os "caminhos" luta, mas encontra-se confuso e perplexo, pois "inclina-se diante do movimento de massas, isto é, considera-o um factor que nos libera da actividade revolucionária que nos pertence, e não um factor destinado a encorajar e a estimular a nossa actividade revolucionária. Uma greve secreta é impossível, tanto para os seus participantes como para aqueles a quem afecta directamente. Mas, para a massa dos operários russos, essa greve pode permanecer (e na maior parte dos casos permanece) "secreta", pois o governo tomará o cuidado de cortar todas as comunicações com os grevistas, tomará o cuidado de tornar impossível todas as informações sobre a greve. É então que se torna necessária uma "luta contra a polícia política", luta especial que jamais poderá ser conduzida activamente por uma massa tão grande como a que participa na greve. Essa luta deve ser organizada "segundo todas as regras da arte" por profissionais da acção revolucionária. E o facto de a massa estar espontaneamente integrada no movimento não torna menos necessária a organização dessa luta. Pelo contrário, torna ainda mais necessária: pois nós. socialistas, faltaríamos ao nosso primeiro dever para com as massas, se não soubéssemos impedir a polícia de tornar secreta (e se, por vezes, não nos preparássemos secretamente, nós mesmos) uma greve ou uma manifestação qualquer. Estamos em condições de fazê-lo, precisamente porque a massa, que desperta espontaneamente para a accão, fará surgir igualmente do seu seio um número cada vez maior de "revolucionários de profissão" (isto se não induzirmos todos os operários, de todas as maneiras, a permanecer no mesmo lugar).

c) A organização dos operários e a organização dos revolucionários

Se para o social-democrata a ideia de "luta económica contra os patrões e o governo" se identifica com a de luta política, é natural que a ideia de "organização de operários" se identifique, entre eles, mais ou menos com a ideia de "organização de revolucionários". E, na realidade, é o que acontece, de modo que falando de organização, falamos línguas absolutamente diferentes. Lembro-me, por exemplo, de uma conversa que tive um dia com um "economista" bastante consequente, e que ainda não conhecia. A conversa girou em torno do folheto

contando apenas com as manifestações e combates de rua, ou com "a marcha progressiva da obscura luta quotidiana". Devemos realizar sempre o nosso trabalho quotidiano e devemos estar sempre prontos para tudo, porque com muita frequência é quase impossível prever a alternância dos períodos de explosão e dos períodos de calma momentânea; e quando é possível prevê-los, não se pode tirar partido disso para reorientar a organização pois num país autocrático a situação muda com assombrosa rapidez: às vezes basta uma rusga nocturna dos janízaros czaristas. E não seria possível imaginar a própria revolução sob a forma de um acto único (como parece fazer Nadeidine): a revolução será uma sucessão rápida de explosões mais ou menos violentas, alternadas com algumas fases de calma momentânea mais ou menos profunda. Por isso, a actividade essencial do nosso Partido, o palco da sua actividade, deve consistir num trabalho que seja possível e necessário tanto nos períodos de mais violenta explosão como nos de calma absoluta, isto é, deve consistir num trabalho de agitação política unificada para toda a Rússia, que ilumine todos os aspectos da vida e se dirija às massas em geral. Ora, esse trabalho é inconcebível na Rússia actual sem um jornal que interesse a todo o país e apareca com bastante frequência. A organização a ser constituída por si mesma em torno desse jornal, a organização dos seus colaboradores (no sentido amplo de palavra, isto é, todos aqueles que trabalham para ele) estará pronta para tudo, para salvar a honra, o prestígio e a continuidade no trabalho do Partido nos momentos de grande "depressão" dos revolucionários, e para preparar, determinar o início e realizar a insurreição armada do povo. Suponhamos que ocorram prisões, o que é muito comum entre nós, numa ou várias localidades. Como todas as organizações locais não trabalham numa única obra comum e regular, essas detenções são seguidas, freguentemente, pela suspensão da actividade por vários meses. Mas, se todas trabalhassem para uma obra comum, mesmo que as detenções fossem muitas, bastaria algumas semanas e duas ou três pessoas enérgicas para restabelecer o contacto dos novos círculos de jovens com o organismo central, círculos esses que, mesmo agora, surgem de maneira muito rápida, e que surgiriam e estabeleceriam ligações com esse centro de modo ainda muito mais rápido se essa obra comum, que sofre as consequências das detenções, fosse bem conhecida de todos. Suponhamos, por outro lado, que houvesse uma insurreição popular. Sem dúvida que hoje todos concordam que devemos pensar e preparar-nos para isso. Mas como prepararnos? Terá um comité central que designar agentes em todas as localidades para preparar a insurreição? Mesmo que tivéssemos um comité central que tomasse essa medida, nada poderia obter nas condições actuais da Rússia. Ao contrário, uma rede de agentes que se formasse por si própria trabalhando para a criação e a difusão de um jornal comum, não "esperaria de braços cruzados" a palavra de ordem de insurreição; realizaria exactamente uma obra regular, que lhe permitiria maiores hipóteses de sucesso em caso de insurreição. Obra essa que reforçaria os laços com as massas operárias, em geral, e com todas as camadas da população descontentes com a autocracia, o que é tão importante para a insurreição. É fazendo esse trabalho que aprenderíamos a avaliar, com exactidão, a situação política geral e, por consequinte, a escolher o momento favorável à insurreição. É nesta espécie de acção que todas as organizações

o exército regular não seja esmagado pela multidão, mas marche à sua frente, se nos apressarmos em proceder a essa organização. Nadejdine, engana-se, porque imagina que esse exército organizado sistematicamente age de forma a afastar-se da multidão, enquanto, na realidade, se ocupa de uma agitação política intensificada e multiforme, isto é, de um trabalho que tende justamente a aproximar e fundir num todo a força destrutiva espontânea da multidão e a força destrutiva consciente da organização dos revolucionários. A verdade é que os senhores atribuem aos outros as vossas próprias faltas; e é precisamente o grupo Svoboda que, introduzindo o terrorismo no programa, exorta assim à criação de uma organização de terroristas, ora, tal organização impediria na verdade o nosso exército de se aproximar da multidão que, infelizmente, ainda não está connosco, e, infelizmente, não nos pergunta ou raramente nos pergunta, como e guando é preciso abrir as hostilidades. "Não veremos chegar a revolução", continua Nadeidine ameacando o Iskra, "da mesma forma que não vimos chegar os acontecimentos actuais, acontecimentos que nos apanharam de surpresa". Esta frase, juntamente com as citadas anteriormente, demonstra-nos claramente o absurdo do "ponto de vista da aurora da revolução", elaborado pela Svoboda. Esse "ponto de vista" especial reduz-se, propriamente, a proclamar que "agora" é muito tarde para decidir e para a preparação. Mas, então, respeitável inimigo da "literatura falsificada", por que escrever 132 páginas impressas sobre "os problemas de teoria e de táctica"? Será que não percebem que, do "ponto de vista da aurora da revolução" seria melhor lançar 132.000 folhas volantes com esse breve apelo: "Abaixo o inimigo!"? Aqueles que como o Iskra colocam a agitação política entre todo o povo na base do seu programa, da sua táctica e do seu trabalho de organização, correm menos riscos de deixar a revolução acontecer sem percebê-la. As pessoas que, em toda a Rússia, se ocupam em entrançar os fios de uma organização, fios a serem ligados a um jornal para toda a Rússia, não deixaram de perceber os acontecimentos da Primavera; pelo contrário, ofereceram-nos a possibilidade de predizê-los. Não deixaram passar desapercebidas as manifestações descritas nos números 13 e 14 do Iskra: pelo contrário, compreendendo o seu dever de auxiliar o impulso espontâneo da multidão, participaram nessas manifestações e, ao mesmo tempo, contribuíram através do seu jornal para que todos os camaradas russos percebessem o seu carácter e utilizassem a sua experiência. Se continuarem vivos, verão acontecer a revolução que exigirá de todos nós, antes e acima de tudo, a experiência em matéria de agitação, e que saibamos sustentar (à maneira social-democrata) todos os protestos, dirigir o movimento espontâneo e preservá-lo dos erros dos seus amigos e ciladas dos seus inimigos! Chegamos, assim, à última consideração que nos força a insistir, de forma particular, no plano de organização em torno de um iornal para toda a Rússia, através da colaboração de todos para esse jornal comum. Apenas essa organização poderá assegurar, ao empreendimento de combate social-democrata, a flexibilidade indispensável, isto é, a faculdade "de evitar a batalha em terreno descoberto com um inimigo numericamente superior. que concentrou as forças num único ponto e a faculdade de aproveitar a incapacidade do inimigo, quanto à estratégia militar, para atacá-lo onde e quando menos o espera". Seria um gravíssimo erro estruturar a organização do Partido

"Quem fará a revolução política?". Concluímos, rapidamente, que o seu principal defeito era não considerar os problemas de organização. Pensávamos já estar de acordo, mas... prosseguindo a conversa, percebemos que falávamos de coisas diferentes. Meu interlocutor, acusava o autor de não levar em consideração as caixas de auxílio às greves, as sociedades de socorro mútuo, etc.; quanto a mim, falava da organização de revolucionários indispensável para "fazer" a revolução política. E desde que ocorreu esta divergência, não me lembro mais de ter estado de acordo sobre qualquer questão de princípio com esse "economista"! Mas, qual era, pois, a causa das nossas divergências? Justamente o facto de os "economistas" se desviarem constantemente do "social-democratisrno" para o sindicalismo, tanto nas tarefas de organização como nas tarefas políticas. A luta política da social-democracia é muito maior e muito mais complexa que a luta económica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência) a organização de um partido social-democrata revolucionário deve necessariamente constituir um género diferente da organização dos operários para a luta económica. A organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, profissional; em segundo lugar, a maior possível; em terceiro lugar, a menos clandestina possível (aqui e mais adiante refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Ao contrário, a organização dos revolucionários deve englobar, antes de tudo e principalmente, homens cuja profissão é a accão revolucionária (por isso, quando falo de uma organização de revolucionários, refiro-me aos revolucionários sociais-democratas). Diante dessa característica comum aos membros de tal organização, deve desaparecer por completo toda distinção entre operários e intelectuais e ainda com maiores razões, entre as diversas profissões de uns e de outros. Necessariamente essa organização não deve ser muito extensa e é preciso que seja o mais clandestina possível. Vamos deter-nos sobre estes três pontos específicos. Nos países onde há liberdade política, a diferenca entre a organização sindical e a organização política é perfeitamente clara, como também a diferenca entre o sindicalismo e a socialdemocracia. Certamente, as relações da social-democracia com os sindicatos variam, inevitavelmente, de país a país segundo as condições históricas, jurídicas e outras; podem ser mais ou menos estreitas, complexas etc. (devem ser, em nossa opinião, as mais estreitas e as menos complexas possíveis); mas, nos países livres, não existe o risco de se identificar a organização sindical com a do partido social-democrata. Na Rússia, o jugo da autocracia apaga, à primeira vista, toda a distinção entre a organização social-democrata e a associação operária, pois todas as associações operárias e todos os círculos estão proibidos, e a greve. manifestação e arma principais da luta económica dos operários, é considerada um crime de direito comum (às vezes até um delito político). Assim, a situação entre nós, de um lado, "incita" forcosamente os operários que conduzem a luta económica a ocuparem-se de questões políticas e, de outro, "incita" os sociaisdemocratas a confundirem o sindicalismo com o "social-democratismo" (e os nossos Kritchévski, Martynov e companhia., que não param de falar sobre a "incitação" do primeiro género, não observam a "incitação" do segundo género). De facto, considerando as pessoas absorvidas noventa e nove por cento pela luta económica contra os patrões e o governo, uns, durante todo o período de sua

actividade (de 4 a 6 meses), jamais serão levados a pensar na necessidade de uma organização mais complexa de revolucionários; outros, ao que parece, serão "levados" a ler a obra bernisteiniana, relativamente difundida, e daí extrairão a convicção de que é a "marcha progressiva da obscura luta quotidiana" que apresenta uma importância fundamental. Os outros, enfim, talvez sejam seduzidos pela ideia de dar ao mundo um novo exemplo de "estreita ligação orgânica com a luta proletária", de ligação entre o movimento sindical e o movimento socialdemocrata. Essas pessoas raciocinarão assim: quanto mais tarde um país entrar na arena do capitalismo, e portanto na do movimento operário, mais os socialistas poderão participar do movimento sindical e apoiá-lo, e haverá menos condições para a existência de sindicatos não sociais democratas. Até aqui, esse raciocínio é perfeitamente justo, mas o mal é que vão mais longe e sonham com a fusão completa do "social-democratismo" e do sindicalismo. Vamos ver, em seguida, através do exemplo dos "Estatutos da União de Luta de São Petersburgo", a influência nociva que esses sonhos exercem sobre nossos planos de organização. As organizações operárias para a luta económica devem ser organizações profissionais. Qualquer operário social-democrata deve, sempre que possível, apoiar essas organizações e aí trabalhar activamente. Mas não é nosso interesse exigir que só os sociais-democratas possam ser membros das uniões "corporativistas": isso restringiria a nossa influência sobre a massa dos operários. Deixemos participar na união corporativa todo o operário que compreenda a necessidade de se unir para lutar contra os patrões e o governo. O próprio objectivo das uniões corporativas não seria atingido, se não agrupassem todos aqueles capazes de compreender essa noção elementar e se essas uniões corporativas não fossem organizações muito amplas. E quanto maiores essas organizações, também maior será a nossa influência sobre elas, influência exercida não apenas no desenvolvimento "espontâneo" da luta económica, mas também, pela acção consciente e directa dos membros socialistas da união sobre os seus camaradas. Mas. numa organização ampla, uma acção estritamente conspirativa é impossível (pois exige mais preparação do que a necessária para participar da luta económica). Como conciliar essa contradição entre a necessidade de uma organização ampla e a necessidade de uma acção estritamente conspirativa? Como fazer para que as organizações corporativas sejam o menos possível de conspiração? De modo geral, há apenas dois meios: ou a legalização das associações corporativas (que em certos países precedeu a legalização das associações socialistas e políticas), ou a manutenção da organização secreta, mas "livre", pouco regulamentada, lose, como dizem os alemães, a tal ponto que, para a massa dos associados, o regime conspirativo fica reduzido quase a zero. A legalização das associações operárias não socialistas e não políticas já comecou na Rússia, e não há dúvida de que cada passo do nosso movimento operário social-democrata, em rápida progressão, multiplicará e encorajará as tentativas dessa legalização, tentativas que vêm sobretudo dos partidários do regime estabelecido, mas, também, dos operários e dos intelectuais liberais. A bandeira da legalização já foi hasteada pelos Vassiliev e os Zubatov; os Ozerov e os Worms já prometeram e deram a sua cooperação, e entre os operários já se encontram adeptos da nova tendência. E nós não podemos deixar que manifesta apenas o mais soberbo desprezo pelos princípios firmes de programa e de táctica. Diz-se que a história não se repete. Nadidine esforca-se de todas as maneiras para repeti-la e imita com ardor Tkatchev, denegrindo "a educação revolucionária", clamando sobre a necessidade de "fazer soar o toque de rebate", pregando o "ponto de vista particular da aurora da revolução" etc. Ao que parece, Nadejdine esquece a conhecida frase que diz: se o original de um acontecimento histórico é uma tragédia, a sua cópia é apenas uma farsa. A tentativa de tomada do poder, preparada pela propaganda de Tkatchev e realizada pelo terror, instrumento de "intimidação" e que realmente intimidava nessa época. era majestosa, enquanto o terrorismo "excitativo" desse Tkatchev em ponto pequeno é simplesmente ridículo, e ridículo sobretudo quando se combina com o seu projecto de organização dos trabalhadores médios. "Se o Iskra", escreve Nadeidine, "saísse da esfera da literatura falsificada, veria que tais coisas (por exemplo, a carta de um operário publicada no nº 7 do Iskra etc.) são sintomas que atestam que a "ofensiva" está muito, muito próxima, e que falar agora (sic) de uma organização onde todos os fios estariam unidos a um jornal para toda a Rússia, é produzir ideias abstractas e trabalho de gabinete em profusão." Vejam um pouco essa confusão inimaginável! De um lado, prega-se o terrorismo excitativo e "a organização dos trabalhadores médios", declarando que isso "será feito de modo muito mais rápido pelo agrupamento em torno de algo "mais concreto", por exemplo, em torno de jornais locais; de outro lado, pretende-se que falar "agora" de uma organização para toda a Rússia, é produzir em profusão ideias abstractas. isto é, para ser mais franco e simples, que "agora" já é muito tarde! E também não será muito tarde, respeitável L.Nadejdini para uma "organização ampla de jornais locais"? Comparem a isso o ponto de vista e a táctica do Iskra: o terrorismo excitativo é uma infantilidade; falar da organização particular dos trabalhadores médios e de uma ampla organização de jornais locais é escancarar as portas ao "economismo". É preciso falar de uma única organização de revolucionários para toda a Rússia, e não será tarde para falar dela mesmo no próprio momento em que começar a verdadeira ofensiva, e não uma ofensiva formulada no papel: "sim", prossegue Nadeidine. "no que diz respeito à organização, a nossa situação está longe de ser brilhante; sim, o Iskra tem toda a razão em dizer que o grosso das nossas forças militares é constituída de voluntários e insurrectos... Está certo que considerem efectivamente o estado das nossas forcas. Mas, por que se esquecem que a multidão não está de forma alguma connosco e que, por conseguinte, não nos perguntará quando será preciso abrir as hostilidades e lançar-se ao 'motim'... Quando a própria multidão intervier com a sua forca destrutiva espontânea, será capaz de triturar, de esmagar o "exército regular", onde foi proposto que se procedesse a uma organização rigorosamente sistemática, que não houve tempo de se realizar". (O grifo é nosso). Lógica espantosa! Precisamente porque "a multidão não está connosco?", é pouco razoável e inconveniente proclamar "a ofensiva" imediata, pois a ofensiva significa o ataque de um exército regular, e não a explosão espontânea de uma multidão. Precisamente porque a multidão é capaz de triturar e esmagar o exército regular, é absolutamente necessário que o nosso trabalho de "organização rigorosamente sistemática", no exército regular, "se combine" com o impulso espontâneo, pois haverá maiores oportunidades para que

à minha frente os redactores e colaboradores do Rabótcheie Dielo. E eis que se levanta o camarada Martynov e, ameacador, dirige-me a palavra: "Mas, permitame perguntar! Uma redacção autónoma ainda tem o direito de sonhar sem ter comunicado tal facto aos comités do Partido?" Depois, é o camarada Kritchévskí que se dirige a mim e (aprofundando filosoficamente o camarada Martynov, que há muito tempo já aprofundara o camarada Plekhanov) continua ainda mais ameaçador: "Irei mais longe. Pergunto-lhe: um marxista tem, em geral, o direito de sonhar, se ainda não esqueceu que, segundo Marx, à humanidade sempre se põem tarefas realizáveis, e que a táctica é um processo de crescimento das tarefas do Partido, que crescem junto com o Partido?" À simples lembranca destas questões ameacadoras sinto um calafrio, e penso apenas numa coisa: onde me vou esconder. Talvez atrás de Pissarev. "Há desacordos e desacordos", escrevia Pissarev sobre o desacordo entre o sonho e a realidade. "O meu sonho pode ultrapassar o curso natural dos acontecimentos ou desviar-se para uma direcção onde o curso natural dos acontecimentos jamais poderá conduzir. No primeiro caso, o sonho não produz nenhum mal; pode até sustentar e reforcar a energia do trabalhador... Em tais sonhos, nada pode corromper ou paralisar a forca de trabalho. Pelo contrário. Se o homem fosse completamente desprovido da faculdade de sonhar assim, se não pudesse de vez em quando adiantar-se ao presente e contemplar em imaginação o quadro lógico e inteiramente acabado da obra que apenas se esboça nas suas mãos, eu não poderia decididamente compreender o que levaria o homem a empreender e a realizar vastos e fatigantes trabalhos na arte, na ciência e na vida prática... O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de nocivo se, cada vez que sonha, o homem acredita seriamente no seu sonho, se observa atentamente a vida, compara as suas observações com os seus castelos no ar e, de uma forma geral, trabalha conscientemente para a realização do seu sonho. Quando existe contacto entre o sonho e a vida, tudo vai bem". Infelizmente há poucos sonhos dessa espécie no nosso movimento. E a culpa é sobretudo dos nossos representantes da crítica legal e do "seguidismo" ilegal, que se gabam de ponderação, do seu "senso" do "concreto".

c) Qual o tipo de organização de que necessitamos?

O leitor pode ver, pelo que foi dito anteriormente, que a nossa "táctica-plano" consiste em recusar o apelo imediato à ofensiva, em exigir a organização de um "assédio ordenado da fortaleza inimiga", ou dito de outra forma: em exigir a concentração de todos os esforços para recrutar, organizar e mobilizar um exército permanente. Quando zombamos do Rabótcheie Dielo, que de um salto abandonou o "economismo" para se atirar aos gritos sobre a necessidade da ofensiva (gritos que irromperam em Abril de 1901, no nº 6 do Listok do "Rabótcheie Dielo"), este jornal naturalmente nos atacou, acusando-nos de "doutrinarismo", de incompreensão do dever revolucionário, de apelo à prudência etc. Naturalmente, tais acusações, na boca dessa gente, não nos surpreenderam absolutamente, pois, não tendo essas pessoas princípios estáveis, escondem-se atrás da profunda "táctica processo"; também não nos surpreenderam as acusações de Nadejdine,

de considerar essa tendência. E como considerá-la? Quanto a isso, não poderia existir mais do que uma opinião entre os sociais-democratas. Devemos denunciar constantemente toda participação dos Zubatov, dos Vassiliev, dos policiais e dos popes nessa tendência, e esclarecer os operários sobre as verdadeiras intencões desses participantes. Devemos denunciar também todas as notas conciliadoras e "harmónicas" que se manifestam nos discursos dos liberais nas assembleias públicas dos operários, quer sejam moduladas por pessoas sinceramente convencidas de que a colaboração pacífica entre classes é desejável, quer tenham o deseio de serem bem vistas pelas autoridades ou, enfim, quer essas pessoas seiam simplesmente inábeis. Devemos, enfim, colocar os operários em guarda contra as armadilhas frequentemente preparadas pela polícia que, nessas assembleias públicas e nas sociedades autorizadas, busca marcar os "homens imbuídos do fogo sagrado" e aproveitar-se das organizações legais para introduzir provocadores também nas organizações ilegais. Mas, fazer isto não significa esquecer que a legislação do movimento operário, afinal de contas, não beneficiará os Zubatov, mas a nós mesmos. Ao contrário, justamente pela nossa campanha de denúncias separamos o joio do trigo. Já mostrámos qual é o joio. O trigo é atrair a atenção de maiores camadas e mais atrasadas de operários para as questões políticas e sociais: é libertar-nos a nós, revolucionários, de funções que, no fundo, são legais (difusão de obras legais, socorro mútuo etc.) e que, desenvolvendo-se, dar-nos-ão infalivelmente material cada vez mais abundante para a agitação. Nesse sentido podemos e devemos dizer aos Zubatov e aos Ozerov: trabalhem, senhores, trabalhem! Enquanto os senhores preparam armadilhas para os operários, pela provocação directa ou pelo "struvismo" (meio "honesto" de corromper os operários), nós encarregamo-nos de desmascará-los. Enquanto os senhores dão realmente um passo à frente - mesmo que seja sob a forma de um "tímido ziguezague" - mas um passo à frente, apesar de tudo, nós lhe diremos: isso mesmo! E todo o alargamento do campo de acção dos operários. mesmo minúsculo, constitui um verdadeiro passo à frente. E todo o alargamento desse género só pode beneficiar-nos: apressará o aparecimento de associações legais, onde não serão os provocadores que pescarão os socialistas, mas os socialistas que pescarão adeptos. Numa palavra, o que é preciso, agora, é combater o joio. Não nos cumpre cultivar o trigo em vasos. Arrancando o joio, limpamos o terreno a fim de permitir que o trigo germine. E enquanto os Afanassi Ivanovitch e as Pulquéria Ivanovna se ocupam da cultura doméstica do trigo, nós devemos preparar segadores que saibam, hoje, arrancar o joio, e amanhã ceifar o trigo. Assim, nós não podemos, por intermédio da legalização, resolver o problema da criação de uma organização profissional menos clandestina e a maior possível (mas ficaríamos muito felizes se os Zubatov e os Ozerov nos oferecessem a possibilidade, mesmo parcial, de assim resolver o problema, pois devemos lutar contra eles com o máximo de energia!). Resta o caminho das organizações profissionais secretas, e devemos, por todos os meios, ajudar os operários que já seguem por esse caminho (sabemos isso de fonte segura). As organizações profissionais podem não só ser de imensa utilidade para o desenvolvimento e o fortalecimento da luta económica, mas também, tornar-se num precioso auxiliar da agitação política e da organização revolucionária. Para chegar a esse resultado,

13

para orientar o movimento profissional nascente no caminho desejado pela socialdemocracia, é preciso antes de tudo compreender bem o absurdo do plano de organização do qual se envaidecem, já há cinco anos, os "economistas" de Petersburgo. Esse plano também está exposto nos Estatutos da Caixa Operária, de Julho de 1897 (Listok "Rab. ", n.º 9-10, p. 46, no n.º 1 da Rabótchaia Mysl) e nos Estatutos da Organização Operária Profissional, de Outubro de 1900 (folha especial, impressa em São Petersburgo e mencionada no n.º 1 do Iskra). Esses estatutos têm um defeito essencial: expõem todos os detalhes de uma grande organização operária, que confundem com uma organização de revolucionários. Tomemos os segundos estatutos, melhor elaborados. Apresentam cinquenta e dois parágrafos: 23 parágrafos expõem a estrutura, o modo de gestão e as funções dos "círculos operários" que serão organizados em cada fábrica ("não mais de 10 pessoas") e elegerão os "grupos centrais (de fábrica)". O parágrafo 2 especifica: "O grupo central observa tudo o que se passa na fábrica ou na oficina, e encarrega-se da crónica dos acontecimentos". "O grupo central presta contas do estado da caixa, mensalmente, a todos os contribuintes (parágrafo 17) etc.; dez parágrafos são dedicados à "organização de bairro", e dezanove à intrincadíssima relação do "Comité da Organização Operária" e do "Comité da União de Luta de São Petersburgo (delegados de cada bairro e dos "grupos executivos" - "grupos de propagandistas para as relações com a província, para as relações com o exterior, para a administração dos depósitos, das edições, da caixa"). A social-democracia incorpora-se nos "grupos executivos", no que diz respeito à luta económica dos operários! Seria difícil demonstrar de forma mais relevante como o pensamento do "economista" se desvia do "social-democratismo" em direcção ao sindicalismo, e como se preocupa pouco com o facto de o social-democrata dever, antes de tudo, pensar em organizar revolucionários capazes de dirigir toda a luta emancipadora do proletariado. Falar da "emancipação política da classe operária", da luta contra a "arbitrariedade czarista" e redigir semelhantes estatutos, significa nada compreender, mas absolutamente nada, das verdadeiras tarefas políticas da social-democracia. Nenhum dos cinquenta parágrafos revela o menor traço de compreensão da necessidade de se fazer entre as massas uma grande agitação política, esclarecendo todos os aspectos do absolutismo russo, toda a fisionomia das diferentes classes sociais na Rússia. Além disso, com tais estatutos, não só os fins políticos como até mesmo os fins sindicais do movimento jamais poderiam ser atingidos, visto exigirem urna organização por profissões, da qual os estatutos nada dizem. Mas o mais característico é talvez o surpreendente peso de todo esse "sistema", que procura ligar cada fábrica ao "comité" por intermédio de regulamentos uniformes e minuciosos até ao ridículo, com um sistema eleitoral em três níveis. Comprimidos no estreito horizonte do "economicismo", o pensamento perde-se em detalhes que exalam um forte odor de papelada e burocracia. Na realidade, três quartos desses parágrafos nunca serão aplicados; por outro lado, semelhante organização "clandestina", com um grupo central em cada fábrica, facilita à polícia as prisões em massa. Os camaradas polacos já passaram por essa fase do movimento; houve um período em que todos desejavam fundar caixas operárias por toda a parte: mas logo renunciaram a essa ideia, guando se convenceram que simplesmente favoreciam a polícia. Se queremos amplas

incitaria ao aproveitamento da experiência já adquirida pelos camaradas que militassem noutro ponto do país. O trabalho local ganharia infinitamente em extensão e variedade: as revelações políticas e económicas recolhidas em toda a Rússia forneceriam o alimento intelectual aos operários de todas as profissões e de todos os graus de desenvolvimento; forneceriam material e oportunidade para debates e conferências sobre as mais variadas questões, suscitadas, também, pelas alusões da imprensa legal, pelas conversas em sociedade e pelos "tímidos" comunicados do governo. Cada explosão, cada manifestação seriam apreciadas e examinadas sob todos os seus aspectos, em todos os pontos da Rússia; provocaria o desejo de não se ficar atrás dos outros, de se fazer melhor que os outros - (nós, socialistas, não recusamos absolutamente qualquer forma de emulação e "competição"!) - de preparar conscientemente o que antes fora feito de forma espontânea, de aproveitar as circunstâncias favoráveis de tempo ou de lugar para modificar o plano de ataque etc. Além disso, essa reanimação do trabalho local não conduziria a essa tensão desesperada, in extremis, de todas as forças, a esse estado de alerta de todos os nossos homens, a que nos obriga ordinariamente, hoje, toda a manifestação ou número de jornal local: de um lado, a polícia teria muito mais dificuldade para descobrir as "raízes", não sabendo em que localidade procurá-las; de outro, o trabalho comum regular ensinaria os homens a adequar um determinado ataque ao estado das forças deste ou daquele destacamento do nosso exército comum (o que, hoje, quase ninguém pensa, pois, em cada dez ataques, nove produzem-se espontaneamente) e facilitaria o "transporte" não apenas da literatura de propaganda, mas também de forcas revolucionárias, de um lugar ao outro. Actualmente, na sua maioria, essas forças são exauridas no estreito campo de accão do trabalho local. Mas, nessas outras circunstâncias, haveria a possibilidade e a oportunidade constantes de transferir de um extremo ao outro do país todo o agitador ou organizador por menos capaz que fosse. Após terem começado por pequenas viagens para tratar de assuntos do Partido, às custas do Partido, os militantes estariam habituados a viver inteiramente por conta do Partido; tornar-se-iam revolucionários profissionais e preparar-se-iam para o papel de verdadeiros chefes políticos. E se realmente chegássemos a obter que a totalidade ou a maior parte dos comités, grupos e círculos locais se associassem activamente para a obra comum, poderíamos em breve elaborar um semanário, regularmente divulgado em dezenas de milhares de exemplares por toda a Rússia. Esse jornal seria parte de um gigantesco fole de uma forja que atiçasse cada fagulha da luta de classes e da indignação popular, para daí fazer surgir um grande incêndio. Em torno dessa obra, em si ainda inofensiva e pequena, mas regular e comum no pleno sentido da palavra, um exército permanente de lutadores experimentados seria sistematicamente recrutado e instruído. Sobre os andaimes e cavaletes dessa organização comum em construção, logo veríamos subir, saídos das fileiras dos nossos revolucionários, os Jeliabov sociais-democratas e, saídos das fileiras dos nossos operários, os Bebel russos que, à frente desse exército mobilizado, levantariam todo o povo para fazer justiça à vergonha e à maldição que pesam sobre a Rússia. É com isto que precisamos sonhar! "É preciso sonhar!" Escrevo estas palavras e de repente tenho medo. Imagino-me sentado no "congresso da unificação", tendo

comuns, isto é, não apenas o nome comum de "união", mas um verdadeiro trabalho comum, uma troca de documentação, experiência e forças, uma partilha de funções para cada actividade dentro da cidade, não somente por bairros, mas por especialidades. Qualquer um concordará que um aparelho clandestino sério não poderá realizar as suas "empreitadas" (se for permitido empregar esta expressão comercial), se estiver limitado aos "recursos" (materiais e humanos, bem entendido) de um único bairro, e que o talento de um especialista não poderá ser desenvolvido num campo de accão tão restrito. O mesmo ocorre em relação à união das diferentes cidades, pois a história do nosso movimento social-democrata já demonstrou e mostra que o campo de acção de uma localidade isolada é extremamente limitado: isto já foi provado anteriormente, de forma detalhada, pelo exemplo da agitação política e do trabalho de organização. É preciso - e indispensável - antes de tudo, alargar esse campo de acção, criar uma ligação efectiva entre as cidades na base de um trabalho regular comum, pois o fraccionamento reprime as faculdades daqueles que, "encerrados numa torre" (segundo a expressão do autor de uma carta ao Iskra), ignoram o que se passa no mundo, não sabem com quem se informar, como adquirir experiência, como satisfazer a sua sede de uma acção extensa. E insisto em sustentar que apenas se pode comecar a criar essa ligação efectiva com um jornal comum, empresa única e regular para toda a Rússia, que resumirá as mais variadas actividades e incitará as pessoas a progredir constantemente por todos os numerosos caminhos que conduzem à revolução, da mesma forma que todos os caminhos levam a Roma. Se nos gueremos unir não apenas em palavras, é preciso que cada círculo local reserve imediatamente, digamos, um quarto das suas forças para a participação activa na obra comum. E o jornal mostrará prontamente os contornos gerais, as proporções e o carácter dessa obra; as lacunas que se fazem sentir mais fortemente na acção conduzida à escala nacional, os lugares onde a agitação é deficiente e onde a ligação é precária, as engrenagens do imenso mecanismo comum que o círculo poderia reparar ou substituir por outras melhores. Um círculo. que ainda não trabalhou e procura fazê-lo, poderia começar não como um artesão isolado na sua pequena oficina, que não conhece nem a evolução anterior da "indústria", nem o estado geral dos meios de produção industrial, mas como o colaborador de uma grande empresa que reflecte o impulso revolucionário geral contra a autocracia. E quanto mais perfeito fosse o acabamento de cada engrenagem, mais numerosos seriam os trabalhadores empregados nos diferentes detalhes da obra comum, mais densa seria a nossa rede, e menores as inevitáveis detenções a perturbar os nossos escalões. A própria função de difusão do jornal começaria a criar uma ligação efectiva (se esse jornal for digno do nome, isto é, se aparecer regularmente e não uma vez por mês, como as grandes revistas, mas cerca de quatro vezes por mês). As relacões entre cidades quanto às necessidades da causa revolucionária são, hoje, muito raras e, quando existem, constituem excepção: tornar-se-jam, então, uma regra e assegurariam, bem entendido, não apenas a difusão do jornal, mas também (o que é mais importante) a troca de experiências, documentação, forças e recursos. O trabalho de organização assumiria amplitude muito mais considerável, e o sucesso obtido numa localidade encorajaria constantemente o aperfeiçoamento do trabalho,

organizações operárias e não amplas acções policiais, se não queremos fazer o iodo dos polícias, devemos fazê-las de forma que não sejam de modo algum regulamentadas. Mas como poderão elas, então, funcionar? Consideremos um pouco essas funções: "Observar tudo o que se passa na fábrica e fazer a crónica dos acontecimentos" (§ 2 dos estatutos). Será preciso, na verdade, regulamentar essa função? O seu objectivo não será melhor atingido através das crónicas na imprensa ilegal, sem que grupos de qualquer espécie sejam especialmente constituídos para esse fim? "... Dirigir a luta dos operários para melhorar a sua condição na fábrica" (§ 3). Mais urna vez, é inútil regulamentar. Urna simples conversa basta para um agitador (mesmo pouco inteligente) saber exactamente quais são as reivindicações que os operários desejam formular; depois, conhecendo-as, saberá transmiti-las a uma organização restrita - e não ampla - de revolucionários, que editará um panfleto apropriado. "... Organizar uma caixa ... com a contribuição de 2 copeques por rublo" (§ 9) e prestar contas do estado da caixa, mensalmente, a todos os contribuintes (§ 17); excluir os membros que não paquem sua contribuição (§ 10) etc. Para a polícia, isto é um verdadeiro paraíso. pois nada é mais fácil do que denunciar esse trabalho de conspiração da "caixa central da fábrica", de confiscar o dinheiro e encarcerar toda a "elite". Não seria mais simples emitir selos de um ou dois copeques de uma certa organização (muito restrita e muito secreta), ou ainda, sem qualquer símbolo, fazer colectas, cujos resultados seriam dados por um jornal ilegal, com uma linguagem combinada? Dessa forma, os mesmos objectivos seriam atingidos, e a polícia teria de trabalhar cem vezes mais para descobrir a trama da organização. Poderia continuar esta análise-tipo dos estatutos, mas creio já ter dito o suficiente. Um pequeno núcleo compacto, composto dos operários mais seguros, mais experimentados e mais fortalecidos, um núcleo tendo homens de confiança nos principais bairros, e ligado de acordo com as regras da mais estrita acção clandestina à organização dos revolucionários, poderá perfeitamente, com maior colaboração da massa e sem qualquer regulamentação, encarregar-se de todas as funções que competem a uma organização profissional e, além disso, realizá-las exactamente segundo as aspirações da social-democracia. Só assim poderemos consolidar e desenvolver, apesar de toda a polícia, o movimento profissional social-democrata. Poderiam objectar que uma organização lose ao ponto de não ter qualquer regulamento, nem membros declarados e registados, não poderia ser qualificada de organização. Talvez: não me importo com o nome. Mas, essa "organização sem membros" fará tudo o que é necessário, assegurará desde o princípio uma ligação sólida entre os nossos futuros sindicatos e o socialismo. E aqueles que, sob o absolutismo, desejam uma grande organização de operários com eleições, contas prestadas, sufrágio universal etc., são todos utópicos incuráveis e de boa fé. A moral a extrair disso é simples: se comecamos por estabelecer urna organização de revolucionários, forte e sólida, poderemos assegurar a estabilidade do movimento no seu conjunto, atingir simultaneamente os objectivos sociais-democratas e os objectivos propriamente sindicais. Mas, se começamos por constituir uma organização operária ampla, pretensamente a mais "acessível" à massa (na realidade, a mais acessível à polícia e que tornará os revolucionários mais acessíveis à polícia), não atingiremos nenhum desses

objectivos. Não nos livraremos dos nossos métodos artesanais e, pela nossa fragmentação, pelos nossos fracassos contínuos, apenas tornaremos mais acessíveis à massa os sindicatos do tipo Zubatov ou Ozerov. Quais devem ser. propriamente, as funções dessa organização de revolucionários? Falaremos disso em detalhe. Mas examinaremos primeiro um outro raciocínio bem típico do nosso terrorista que, mais uma vez (triste destino o seu!), se encontra próximo do "economismo". A Svoboda (nº1), revista para os operários, contém um artigo intitulado "A Organização", cuio autor busca defender os seus amigos, os "economistas" operários de Ivanovo-Voznessensk, "É deplorável", diz ele, "quando uma multidão é silenciosa, inconsciente, quando um movimento não vem de baixo. Observem o que acontece numa cidade universitária, quando os estudantes, na época de festas ou durante o verão, voltam para as suas casas; o movimento operário paralisa-se. Um movimento operário estimulado a partir do exterior pode constituir uma forca verdadeira? Não, certamente... Ainda não aprendeu a marchar por si, deve ser amparado. Isso ocorre em todo lugar: os estudantes partem, e o movimento cessa; os elementos mais capazes, a nata, são aprisionados, e o leite azeda; prende-se o 'Comité', e enquanto um novo 'Comité' não for formado, sobrevém a calmaria; e não se sabe ainda o que será o novo 'Comité'; talvez não se assemelhe ao antigo: este dizia uma coisa, aquele dirá o contrário. Rompeu-se o laco entre ontem e hoje, a experiência do passado não beneficia o futuro. E tudo isso porque o movimento não tem raízes profundas na multidão; porque o trabalho é feito não por uma centena de imbecis, mas por uma dezena de cabecas dotadas de inteligência. Uma dezena de homens cai facilmente na boca do lobo; mas, quando a organização engloba a multidão, quando tudo vem da multidão, é impossível destruir o movimento" (p. 63). Os factos estão fielmente relatados. Eis um bom quadro do nosso trabalho artesanal. Mas, as conclusões, pela sua falta de lógica e de tacto político, são dignas da Rabótchaia Mysl. É o cúmulo da falta de lógica, pois o autor confunde a questão filosófica, histórica e social das "raízes profundas" do movimento com o problema da organização técnica de uma luta mais eficaz contra a polícia. É o cúmulo da falta de tacto político, pois, em lugar de submeter os maus dirigentes aos bons dirigentes, o autor submete os dirigentes em geral à "multidão". É ainda uma forma de nos fazer retroceder no que diz respeito à organização, do mesmo modo que a ideia de substituir a agitação política pelo "terror excitativo" nos faz retroceder politicamente. Isto é um verdadeiro embarras de richesses! Não sei por onde começar a análise do imbróglio oferecido pela Svoboda. Para maior clareza, tentarei começar por um exemplo: tomemos os alemães. Espero que não neguem que, entre eles, a organização abrange a multidão, que tudo vem da multidão, que o movimento operário, na Alemanha, aprendeu a marchar sozinho. E contudo, como essa multidão de milhões de homens sabe apreciar a "dezena" dos seus experimentados chefes políticos, e como os apoiam! Mais de uma vez, no Parlamento, os deputados dos partidos adversários atormentaram os socialistas dizendo: "Que belos democratas são vocês! O movimento da classe operária, para vocês, existe apenas em palavras: na realidade, é sempre o mesmo grupo de chefes que faz tudo. Durante anos, durante dezenas de anos, é sempre o mesmo Bebel, o mesmo Liebknecht! Mas os seus delegados, pretensamente eleitos pelos

preparação dos militantes confinados ao quadro das organizações locais? Teria esquecido, tal como o autor do artigo publicado na Svoboda sobre a organização. que nos seus primórdios a formação de uma grande imprensa local (a partir de 1898) foi acompanhada por uma intensificação especial do "economismo" e do "trabalho artesanal"? E mesmo que fosse possível organizar de forma conveniente "uma grande imprensa local" (cuja impossibilidade, salvo raríssimas excepções, já demonstrámos anteriormente), as organizações locais não poderiam "unir e organizar" todas as forcas de revolucionários para uma ofensiva geral contra a autocracia, para a direcção da luta comum. Não se esquecam que, aqui, se trata unicamente de um jornal como "factor de recrutamento", de organização, e que poderíamos devolver a Nadeidine, campeão do fraccionamento, a questão irónica que ele próprio nos coloca: "Teríamos recebido como herança 200.000 organizadores revolucionários?" Além disso, não seria possível opor a preparação de manifestações" ao plano do Iskra, pela simples razão de esse plano prever justamente manifestações de maior repercussão como um dos objectivos a atingir; porém, do que aqui se trata é da escolha do meio prático. Mais uma vez Nadeidine enveredou por um caminho falso; esqueceu-se que apenas um exército já "recrutado e organizado" pode "preparar" manifestações (que até agora, na grande maioria dos casos, se desenrolaram de maneira espontânea). Ora, o que exactamente não sabemos fazer, é recrutar e organizar. "Acção entre os desempregados". Sempre a mesma confusão, pois aí também se trata de uma operação militar de uma tropa mobilizada, e não de um plano de mobilização de tropas. Veremos até que ponto Nadeidine ainda subestima o prejuízo que nos causou o nosso fracionamento, a ausência entre nós de "200.000 organizadores". Muitos (entre eles Nadejdine) recriminaram o Iskra por fornecer precárias informações sobre o desemprego e dar apenas notícias fortuitas sobre as ocorrências mais comuns da vida rural. A recriminação tem fundamento; nesse caso, porém, o Iskra é "culpado sem ter culpa". Esforcamo-nos para "esticar o nosso cordão" também no campo: mas aí quase não há pedreiros: é preciso que encorajemos todos aqueles que nos comunicam os factos, mesmo os mais corriqueiros, na esperanca de que isso aumente o número de nossos colaboradores nesse campo, e que nos ensine, a todos, a escolher quais são os factos verdadeiramente relevantes. Mas, a documentação para o estudo é tão restrita que, se não for difundida para toda a Rússia, decididamente nada teremos para nos instruir. Naturalmente, um homem que possua algumas das capacidades de agitador de Nadejdine e o seu conhecimento da vida dos vagabundos poderia, através da agitação efectuada entre os desempregados, prestar serviços inestimáveis ao movimento; porém, desperdiçaria o seu talento se não se preocupasse em colocar todos os camaradas russos ao corrente do menor progresso da sua acção, a fim de dar exemplo e informações às pessoas que, na sua grande maioria, nem mesmo sabem ainda juntar-se a essa tarefa, que lhes é desconhecida. Hoje, sem excepção, todos falam da importância que se atribui à unificação, da necessidade de "recrutar e organizar"; mas a maior parte das vezes não se tem ideias definidas sobre a questão de saber por onde começar e como realizar essa unificação. Sem dúvida estarão de acordo que para "unificar", por exemplo, os círculos de bairro de uma cidade, é preciso que haja instituições

45

um exagero do seu papel? Os andaimes não são de modo algum necessários à construção em si; são feitos com material da pior qualidade; são utilizados durante um curto período de tempo e atirados ao fogo antes de a obra estar terminada. No que diz respeito à construção de organizações revolucionárias, a experiência confirma que, por vezes, é possível construí-las mesmo sem andaimes - como em 1870-1880. Mas, neste momento, não podemos seguer imaginar a possibilidade de construir sem andaimes o edifício de que necessitamos. Nadejdine não está de acordo com isto, e diz: "Em torno desse jornal, por esse jornal, o povo reunir-se-á e organizar-se-á para a acção; assim pensa o Iskra. Mas esse objectivo será alcancado de modo muito mais rápido através da reunião e organização em torno de um trabalho mais concreto!" Certo, certo: "de modo muito mais rápido em torno de um trabalho mais concreto"... O provérbio russo diz: "Não cospe no poço quem precisará da água para saciar a sede." Mas há quem não se importe de saciar a sede no poco onde cuspiu. Nessa busca do mais concreto, quantas infâmias não foram levados a dizer e a escrever os nossos notáveis "críticos" legais "do marxismo" e os admiradores ilegais da Rabótchaia Mysl. Assim não é de espantar que o nosso movimento esteja comprimido pela nossa estrejteza, a nossa falta de iniciativa e de ousadia, justificadas por argumentos tradicionais semelhantes àquele que afirma ser muito mais rápida a unidade em torno de um trabalho mais concreto! E Nadejdine, que pretende ser particularmente dotado de senso das "realidades", que condena tão severamente os homens "de gabinete", que (com pretensões de sagacidade) recrimina o Iskra pela fragueza de ver por toda a parte o "economismo", que imagina estar muito acima dessa divisão em ortodoxos e críticos, Nadejdine não percebe que, com os seus argumentos, faz o jogo dessa estreiteza que o indigna e que também bebe nos pocos onde se cuspiu! Sim, a indignação mais sincera contra a estreiteza, o desejo mais ardente de desiludir aqueles que a reverenciam não são o bastante, se aquele que se indigna, erra ao sabor dos ventos, sem velas nem leme, e se se aferra instintivamente", tal como os revolucionários de 1870-1880, ao "terrorismo excitativo", ao "terrorismo agrário", ao "toque a rebate" etc. Vejamos, agora, em que consiste esse "algo de mais concreto" em torno do qual, pensa o autor, "será feita de modo muito mais rápido" a união e a organização: 1º) jornais locais; 2º) preparação de manifestações; 3º) acção entre os desempregados. Vê-se, à primeira vista, que todas essas coisas foram tomadas ao completo acaso, ao azar, unicamente para dizer alguma coisa, pois, qualquer que seja o modo com que sejam consideradas, seria um verdadeiro absurdo que aí se encontrasse algo especialmente susceptível de levar à "união e organização". Além disso, o próprio Nadejdine declara duas páginas adiante: "Já é tempo de constatarmos simplesmente este facto: na província o trabalho é ínfimo, os comités não fazem um décimo do que poderiam... os centros de unificação que possuímos, actualmente, são apenas ficção, burocratismo revolucionário, mania geral de se atacar mutuamente, e assim será enquanto não forem constituídas organizações locais fortes." Essas palavras, ainda que exageradas, encerram incontestavelmente uma grande e amarga verdade; mas, porque é que Nadejdine não vê que o trabalho local ínfimo é resultado da estreiteza de visão dos militantes, da pequena envergadura de sua acção, coisas inevitáveis devido à falta de operários, são mais permanentes que os funcionários nomeados pelo imperador!" Mas os alemães acolhem com um sorriso de desprezo essas tentativas demagógicas de opor a "multidão" aos "dirigentes", de acender nela os maus instintos de vaidade e de privar o movimento de solidez e estabilidade, arruinando a confianca da massa nessa "dezena de cabecas dotadas de inteligência". Os alemães são bastante desenvolvidos politicamente, têm suficiente experiência política para compreender que, sem uma "dezena" de chefes capazes (os espíritos capazes não surgem às centenas), experimentados, profissionalmente preparados e instruídos por uma longa aprendizagem, perfeitamente de acordo entre si. nenhuma classe da sociedade moderna pode conduzir resolutamente a luta. Os alemães também tiveram os seus demagogos, que adulavam as "centenas de imbecis" colocando-os acima das "dezenas de cabeças dotadas de inteligência"; que adulavam o "punho musculoso" da massa, empurravam (como Most ou Hasselmann) essa massa a actos "revolucionários" irreflectidos, e semeavam a desconfiança em relação aos chefes firmes e resolutos. E foi apenas graças a uma luta obstinada, implacável, contra os elementos demagógicos de toda espécie e de toda ordem no seio do socialismo, que o socialismo alemão cresceu tanto e se fortaleceu. Ora, neste período onde toda a crise da social-democracia russa se explica pelo facto de as massas espontaneamente despertadas não terem dirigentes suficientemente preparados, desenvolvidos e experimentados, os nossos sabichões vêm dizer-nos sentenciosamente, com a profundidade de pensamento de um Gribouille "é deplorável quando um movimento não vem de baixo!" "Um comité de estudantes não nos convém, porque é instável." Perfeitamente correcto. Mas a conclusão a extrair é que é necessário um comité de revolucionários profissionais, operários ou estudantes, pouco importa, que saibam proceder à sua educação de revolucionários profissionais. Enquanto que a conclusão que os senhores tiram, é que não é necessário estimular o movimento operário a partir do exterior! Com esta ingenuidade política, nem mesmo notam que assim fazem o jogo dos nossos "economistas" e utilizam os nossos métodos artesanais. Permitam-me colocar uma questão: como é que os nossos estudantes "estimularam" os nossos operários? Unicamente levando-lhes o pouco conhecimento político que eles próprios tinham, os fragmentos de ideias socialistas que puderam recolher (pois o principal alimento espiritual do estudante contemporâneo, o marxismo legal, não lhe pode oferecer senão o á-bê-cê e os fragmentos). Esse estímulo de fora não foi oferecido em abundância, ao contrário, no nosso movimento esse estímulo foi escandalosa e vergonhosamente insignificante; pois, até aqui, não fizemos mais do que "cozinharmo-nos mais do que o necessário no nosso próprio molho", inclinando-nos servilmente diante da "elementar luta económica dos operários contra os patrões e o governo". Nós, revolucionários de profissão, devemos ocupar-nos cem vezes mais desse "estímulo", e é o que faremos. Mas, justamente porque os senhores, empregam essa odiosa expressão, "estímulo a partir do exterior", que inevitavelmente inspira o operário (pelo menos o operário tão pouco desenvolvido como os senhores) a desconfiar de todos aqueles que lhe trazem de fora os conhecimentos políticos e a experiência revolucionária, e suscita nele o desejo instintivo de mandar passear todas as pessoas desse tipo - os senhores mostram-se como demagogos; ora, os

demagogos são os piores inimigos da classe operária. Perfeitamente! E não se apressem a gritar contra os procedimentos "inadmissíveis entre camaradas" da minha discussão! Nem penso em suspeitar da pureza das intenções: já disse que é possível qualquer um tornar-se demagogo unicamente através da ingenuidade política. Mas mostrei que os senhores se deixaram levar até à demagogia. E jamais deixarei de repetir que os demagogos são os piores inimigos da classe operária. Os piores, precisamente, porque acendem os maus instintos da multidão, e é impossível para os operários pouco desenvolvidos reconhecer esses inimigos que se apresentam, e às vezes sinceramente, como seus amigos. Os piores porque, num período de dispersão e de hesitação, quando o nosso movimento ainda busca encontrar-se, nada mais fácil do que arrastar demagogicamente a multidão, que só as provações mais amargas poderão, depois, convencer do erro em que incorreram. Eis por que a palavra de ordem do momento para os sociaisdemocratas russos deve ser a luta resoluta contra a Svoboda, que se deixa levar à demagogia, e contra o Rabótcheie Dielo, que também assim procede (ainda voltaremos a isso). "É mais fácil cacar uma dezena de cabecas dotadas de inteligência do que uma centena de imbecis". Essa grande verdade (que sempre receberá o aplauso da centena de imbecis) parece evidente apenas porque, no curso do raciocínio, os senhores pularam de uma questão a outra. Comecaram e continuam a falar da captura do "Comité", da "organização", e depois passam a uma outra questão, à captura das "raízes" do movimento "em profundidade". Certamente, nosso movimento é apreensível, porque tem centenas de milhares de profundas raízes, mas não é essa a questão, de modo algum. Mesmo agora, apesar de todos os nossos métodos artesanais, e impossível "apreendermos" as nossas "profundas raízes" e todavia, todos deploramos, e não podemos deixar de deplorar, a captura das "organizações", o que impede toda continuidade no movimento. Ora, se os senhores colocam a questão da captura das organizações, e se a prendem a essa questão, dir-lhes-ei que é muito mais difícil apreender uma dezena de cabecas dotadas de inteligência do que uma centena de imbecis. E sustentarei esta tese, não importa o que façam para excitar a multidão contra meu "anti-democratismo" etc. É preciso entender por "cabecas inteligentes", em matéria de organização, como já mencionei em várias ocasiões, unicamente os revolucionários profissionais, estudantes ou operários de origem, pouco importa. Ora, eu afirmo: 1º) que não seria possível haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade do trabalho; 2º) que quanto maior a massa espontaneamente integrada à luta, formando a base do movimento e dele participando, mais imperiosa é a necessidade de se ter tal organização, e mais sólida deve ser essa organização (senão será mais fácil para os demagogos arrastar as camadas incultas da massa); 3º) que tal organização deve ser composta principalmente de homens tendo por profissão a actividade revolucionária; 4º) que, num país autocrático, só se o recrutamento for tão restringido ao ponto de não serem aceites na organização senão os revolucionários de profissão que fizeram a aprendizagem da arte de enfrentar a polícia política, é que será difícil "capturar" tal organização e 5º) mais numerosos serão os operários e os elementos das outras classes sociais, que poderão participar do movimento e nele militar de forma activa. Convido os toda a Rússia - escrevia-se no Iskra - deve ser o fio condutor: sequindo-o. poderemos desenvolver ininterruptamente a organização, aprofundá-la e alargá-la (isto é, a organização revolucionária sempre pronta a apoiar todo protesto e efervescência). Por favor, digam-me: quando, os pedreiros colocam em diferentes pontos as pedras de um enorme edifício, de linhas absolutamente originais, esticam um fio que os ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica o objectivo final de todo o trabalho, que lhes permite colocar não apenas cada pedra, mas até cada pedaco de pedra que, cimentado ao que o precedeu e ao que o sucede, formará a linha definitiva e total. Será isto um trabalho "de escrita"? Não é evidente que hoje atravessamos no nosso Partido um período em que, possuindo as pedras e os pedreiros, nos falta exactamente o fio visível a todos e ao qual cada um se possa ater? Deixemos gritar aqueles que sustentam que, esticando o fio, queremos é mandar: se assim fosse, meus senhores, ao invés de intitularmos o nosso jornal de Iskra nº 1, teríamos utilizado o nome de Rabótchaia Gazeta nº 3, como nos foi proposto por alguns camaradas e como teríamos pleno direito de fazer após os acontecimentos relatados anteriormente. Mas não o fizemos, porque queríamos ter as mãos livres para combater sem piedade todos os pseudo-sociais-democratas: a partir do momento em que o nosso fio fosse esticado correctamente, queríamos que fosse respeitado pela sua própria rectidão, e não por ter sido esticado por um órgão oficial. "A unificação da actividade local nos órgãos centrais é uma questão que se movimenta num círculo vicioso", diz sentenciosamente L. Nadeidine. "Para tal unificação, necessitamos de elementos homogéneos: ora, essa homogeneidade não pode ser criada senão por algo que a unifique; mas a unificação só pode ser o produto de organizações locais fortes que, no momento presente, não se distinguem exactamente pela homogeneidade". Verdade tão respeitável e tão incontestável como a que afirma a necessidade de educar pessoas para formar organizações políticas fortes. Verdade, porém, não menos estéril. Qualquer questão "se movimenta num círculo vicioso", pois, toda a vida política é uma cadeia sem-fim composta de um número infinito de elos. A arte do político consiste precisamente em encontrar o elo e a ele agarrar-se fortemente, o elo mais difícil de escapar das mãos, o mais importante naquele momento, e que garanta ao seu possuidor a melhor forma de manter toda a cadeia. Se tivéssemos uma equipa de pedreiros experientes, suficientemente solidários para poder colocar as pedras onde é preciso (falando de forma abstracta, não é totalmente impossível), mesmo sem um fio condutor, poderíamos, talvez, agarrar-nos a um outro elo. Infelizmente não temos ainda esses pedreiros experientes e solidários; e, com muita frequência, as pedras são colocadas sem alinhamento, ao acaso, a tal ponto deslocadas que basta ao inimigo um sopro para dispersá-las, não como se fossem pedras, mas sim, grãos de areia. Outra comparação: "O jornal não é apenas um propagandista colectivo e um agitador colectivo; é também um organizador colectivo. A esse respeito, pode-se comparálo aos andaimes que se levantam em redor de um edifício em construção: constitui o esboco dos contornos do edifício, facilita as comunicações entre os diferentes construtores, permitindo-lhes que repartam a tarefa e atinjam o conjunto dos resultados obtidos pelo trabalho organizado. Pode-se realmente dizer que, da parte de um literato, de um homem especializado no trabalho de gabinete, haverá

após os acontecimentos de Fevereiro e de Março, todos, em princípio, estarão de acordo com isso; ora, não necessitamos de urna solução que se baseie em princípios, mas de uma solução prática para a questão. É preciso formular imediatamente um plano preciso de construção para que, prontamente e de todos os lados, todos possam empreender essa construção. Ora, querem arrastar-nos de novo, para trás, afastando-nos da solução prática, em direcção, a essa grande verdade, justa em princípio, incontestável, mas absolutamente insuficiente e incompreensível para a grande massa dos trabalhadores: "a formação de organizações políticas fortes". Não se trata mais disso, respeitável autor, mas da forma conveniente para se proceder precisamente à formação e de facto realizá-la. É falso que "tenhamos trabalhado sobretudo entre os operários instruídos, enquanto as massas foram conduzidas quase que exclusivamente para a luta económica". Sob esta forma, esta afirmação desvia-se para a tendência radicalmente falsa, que a Svoboda sempre apresentou, de opor os operários instruídos à "massa". Durante estes últimos anos, os próprios operários instruídos também se conduziram, entre nós, "de forma quase exclusiva para a luta económica". Este é o primeiro ponto. Por outro lado, as massas nunca aprenderão a conduzir a luta política, se não ajudarmos a formar dirigentes para essa luta, tanto entre os operários instruídos, como entre os intelectuais. Ora, tais dirigentes apenas podem ser educados se iniciados na apreciação quotidiana e metódica de todos os aspectos da nossa vida política, de todas as tentativas de protesto e de luta das diferentes classes e por diferentes motivos. Por isso, falar de "formação de organizações políticas" e ao mesmo tempo opor "à trabalheira da papelada" de um jornal político, o "trabalho político vivo no plano local" é simplesmente ridículo! O Iskra não procura ajustar o "plano" do seu jornal ao "plano" que consiste em realizar um "grau de preparação" que permita apoiar ao mesmo tempo o movimento dos sem-trabalho, as revoltas camponesas, o descontentamento dos membros dos zemstvos, "a cólera da população contra um bachibuzuque czarista enfurecido" etc. De facto, todos os que conhecem o movimento sabem muito bem que a grande maioria das organizações locais nem sequer pensa nisso; que muitos dos projectos de "trabalho político vivo", aqui indicados, ainda não foram executados por nenhuma organização; que, por exemplo, a tentativa de chamar a atenção para o crescimento do descontentamento e dos protestos entre os intelectuais dos zemstvos, descontenta também a Nadeidine ("Deus! Não é aos membros dos zemstvos que esse órgão está dirigido?" As Vésperas da Revolução, p. 129), os "economistas" (carta no nº 12 do Iskra) e numerosos activistas. Nestas condições, pode-se "começar" somente por isto: incitando as pessoas a pensar, a totalizar e a generalizar até as menores manifestações de efervescência e de luta activa. Numa época onde as tarefas da social-dernocracia são depreciadas, não se pode comecar o "trabalho político vivo" senão através de uma agitação política viva, o que é impossível sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e que seja difundido de forma regular. Os que vêem no "plano" do Iskra apenas "literatura", não o compreenderam na sua essência; tomaram como fim o que se propõe, no momento presente, como o meio mais indicado. Essas pessoas não se deram ao trabalho de reflectir sobre as duas comparações que ilustram esse plano de maneira relevante. A elaboração de um jornal político para nossos "economistas", os nossos terroristas, e os nossos "economistas terroristas" a refutar essas teses, das quais, neste momento, desenvolverei apenas as duas últimas. A questão de saber se é mais fácil capturar uma "dezena de cabecas dotadas de inteligência" ou uma "centena de imbecis" reconduz à questão que analisei mais acima: é possível uma organização de massa estabelecer-se com base num regimento estritamente clandestino? Jamais poderemos dar a uma grande organização um carácter clandestino, sem o qual não seria possível falar de uma luta firme contra o governo e cuia continuidade fosse assegurada. A concentração de todas as funções clandestinas entre as mãos do menor número possível de revolucionários profissionais não significa absolutamente que esses "pensarão por todos", que a multidão não tomará parte activa no movimento. Ao contrário, a multidão fará surgir esses revolucionários profissionais em número sempre maior, pois saberá, então, que não basta alguns estudantes e alguns operários, que conduzem a luta económica, reunirem-se para constituir um "comité", mas é necessário, durante anos, que procedam à sua educação de revolucionário profissional; e a multidão não "pensará" unicamente no trabalho artesanal, mas exactamente nessa educação. A centralização das funções clandestinas da organização não significa absolutamente a centralização de todas as funções do movimento. Longe de diminuir, a colaboração activa na maior parte da literatura ilegal multiplicar-se-á dez vezes, quando uma "dezena" de revolucionários profissionais centralizar nas suas mãos a edição clandestina dessa literatura. Então, e somente então, consequiremos que a leitura das publicações ilegais, a colaboração nessas publicações e mesmo, até certo ponto, a sua difusão, deixem (quase) de ser clandestinas: a polícia logo terá compreendido o absurdo e a impossibilidade de perseguição judicial e administrativa a propósito de cada exemplar de publicações distribuídas aos milhares. E isto é verdade, não somente para a imprensa, mas também para todas as funções do movimento, inclusive as manifestações. A participação mais activa e maior da massa em manifestações, longe de sofrer, ganhará mais se uma "dezena" de revolucionários experimentados, e pelo menos tão bem preparados profissionalmente como a nossa polícia, centralizar todos os aspectos clandestinos: elaboração de panfletos. de um plano aproximado, nomeação de um grupo de dirigentes para cada bairro da cidade, cada grupo de fábricas, cada estabelecimento de ensino etc. (Sei que poderão objectar que os meus pontos de vista "nada têm de democrático", mas responderei a tal objecção, mais adiante, e em detalhe, que nada é menos inteligente). A centralização das funções mais clandestinas pela organização dos revolucionários, longe de enfraguecer, enriquecerá e alargará a accão de uma multidão de outras organizações que se dirigem ao grande público e que, por razões que lhes são próprias, também são tão pouco regulamentadas e clandestinas quanto possível: associações profissionais de operários, círculos operários de instrução e de leitura de publicações ilegais, círculos socialistas e também círculos democráticos para todas as outras camadas da população etc. etc. Esses círculos, associacões profissionais de operários e organizações são necessários em toda a parte; é preciso que sejam mais numerosos e que suas funções sejam as mais variadas; mas é absurdo e prejudicial confundi-las com a organização de revolucionários, apagar a linha de demarcação que existe entre

elas, extinguir na massa o sentimento já incrivelmente adormecido de que, para "servir" um movimento de massa, é preciso ter homens que se dediquem especial e integralmente à actividade social-democrata, e que, paciente e obstinadamente. procedam à sua educação de revolucionários profissionais. Sim, esse sentimento está incrivelmente adormecido. Através dos nossos métodos artesanais, comprometemos o prestígio dos revolucionários na Rússia; é o nosso pecado capital em matéria de organização. Um revolucionário sem energia, hesitante nos problemas teóricos, com horizontes limitados, justificando a sua inércia pela espontaneidade do movimento de massa; mais semelhante a um secretário de sindicato que a um tribuno popular, incapaz de apresentar um plano amplo e corajoso que imponha respeito aos adversários, um revolucionário sem experiência e pouco hábil na sua arte profissional - a luta contra a polícia política será um revolucionário? Não, não passa de um artesão digno de piedade. Que nenhum prático se ofenda com esse epíteto severo, pois, no que diz respeito à falta de preparação, aplico esse epíteto a mim mesmo, antes de todos. Trabalhei num círculo que atribuía a si próprio, tarefas muito amplas e múltiplas; todos nós, membros desse círculo, sofremos muito ao percebermos que éramos apenas os artesãos naquele momento histórico em que se poderia dizer, parafraseando a célebre máxima: dêem-nos uma organização de revolucionários e revolucionaremos a Rússia! E quanto mais me recordo desse agudo sentimento de vergonha que então experimentei, mais sinto aumentar em mim a amargura contra esses pseudo-sociais-democratas, cuja propaganda "desonra o título de revolucionário", e que não compreendem que a nossa tarefa não é defender o rebaixamento do revolucionário ao nível dos artesãos, mas de elevar os artesãos ao nível dos revolucionários.

d) Envergadura do trabalho de organização

Como já vimos. B-v fala da "escassez de forcas revolucionárias aptas para a acção, que se faz sentir não apenas em Petersburgo, mas em toda a Rússia". Não creio que se encontre alguém para contestar esse facto. Trata-se, porém, de saber como explicá-lo. B-v escreve: "não vamos aprofundar as razões históricas desse fenómeno; diremos somente que, desmoralizada por uma prolongada reacção política e dividida pelas mudanças económicas que se processaram e ainda se processam, a sociedade fornece apenas um número infinitamente restrito de pessoas aptas para o trabalho revolucionário; a classe operária, fornecendo os operários revolucionários, completa em parte as fileiras das organizações ilegais, porém, o número desses revolucionários não corresponde às necessidades da época. Tanto mais que o operário, pela sua própria situação, pois está ocupado onze horas e meia por dia na fábrica, pode apenas preencher funda mentalmente as funções de agitador, enquanto a propaganda e a organização, a reprodução e a distribuição de literatura ilegal, a publicação de proclamações etc., constituem forçosamente, na maior parte dos casos, as funções de um número ínfimo de intelectuais" (Rabótcheie Dielo, nº6, p. 38-39). Não estamos de acordo com essa opinião de B-v em relação a vários pontos, e salientamos especialmente os que mostram de forma relevante que, tendo sofrido muito por causa do nosso trabalho daqueles que buscam induzir o erro naqueles que ignoram o passado recente, a despeito de termos mostrado a uns, sua inconsequência na questão "nacional", e a outros, a inadmissibilidade das vacilações por falta de princípios.

b) Pode um jornal ser um organizador colectivo?

O artigo "Por Onde Começar?" apresenta de essencial a colocação precisa dessa questão e sua resolução pela afirmativa. Segundo sabemos, a única pessoa que tentou analisar a questão em profundidade e provar a necessidade de resolvêla negativamente foi L. Nadejdine, cujos argumentos reproduzimos na íntegra: "...A maneira como o Iskra põe em foco a necessidade de um jornal para toda a Rússia muito nos agrada, mas não podemos de forma alguma admitir que esse ponto de vista se identifique ao título do artigo. "Por Onde Começar?. Inegavelmente isto constitui algo de extrema importância, mas não é dessa forma, nem com toda uma série de panfletos populares, nem com uma montanha de proclamações que os fundamentos de uma organização de combate para um momento revolucionário podem ser lancados. É preciso abordar a questão da criação de fortes organizações políticas locais. Não as temos, temos trabalhado sobretudo entre os operários instruídos, uma vez que as massas foram conduzidas quase que exclusivamente para a luta económica. Sem fortes organizações políticas locais bem treinadas, de que serviria um jornal para toda a Rússia, mesmo que fosse perfeitamente organizado? Uma sarça ardente que queima sem se consumir, e que não inflama a ninguém! Ao redor desse jornal e por esse jornal, o povo reunirse-á e organizar-se-á para a accão, assim pensa o Iskra. Mas, esse objectivo será alcançado de modo muito mais rápido através da reunião e organização em torno de um trabalho mais concreto! Que pode e deve consistir na criação de jornais locais em grande escala, na preparação imediata das forças operárias para manifestações; as organizações locais efectuarão uma acção constante entre os sem-trabalho (difundir sem cessar, entre eles, folhas volantes e panfletos; convocar os sem-trabalho para reuniões, exortá-los à resistência ao governo etc.) É preciso empreender localmente um trabalho político vivo; e quando surgir a necessidade da união nesse terreno real, não será artificial e não permanecerá no papel. Não será com jornais que se poderá unificar o trabalho local em um plano comum para toda a Rússia" (Às Vésperas da Revolução, p. 54). Grifámos nesta passagem eloquente, os trechos que permitem melhor apreender a falsa ideia que o autor faz do nosso plano e, em geral, a falsidade do ponto de vista que ele opõe ao Iskra. Sem organizações políticas locais, fortes e bem treinadas, de nada serviria à Rússia o melhor jornal que se pudesse fazer. Isto é absolutamente correcto. Infelizmente, para educar pessoas para formar organizações políticas fortes não há outro meio senão um jornal para toda a Rússia. O autor não notou a declaração essencial do Iskra: a que precede a exposição do seu "plano"; é preciso "apelar para a construção de uma organização revolucionária capaz de reunir todas as forças e que seja, não apenas nominalmente, mas também, de facto, a dirigente do movimento, isto é, uma organização sempre pronta a apoiar cada protesto e cada explosão, aproveitando-os para aumentar e fortalecer um exército apto para se dedicar ao combate decisivo". Agora, prossegue o Iskra,

desenvolver a acção dos grupos locais, antes de se proceder à acção de um órgão comum: insistia-se sobre a importância primordial da "organização revolucionária", - sobre a necessidade de trazer para a organização, a disciplina e a técnica do trabalho clandestina elevada à mais alta perfeição"). A proposta de fazer reaparecer a Rabótchaia Gazeta não se concretizou e os artigos não foram impressos. O quarto facto. O membro do Comité, que organizou o segundo congresso ordinário do nosso Partido, deu conhecimento a um membro do grupo Iskra do programa do congresso, e propôs a candidatura desse grupo para as funções de redacção da Rabótchaia Gazeta a ser reinstituída. Tal providência, por assim dizer preliminar, foi em seguida sancionada pelo Comité ao qual pertencia, bem como pelo Comité central do Bund; o grupo Iskra foi informado do lugar e da data do congresso, e (não fora assegurada, por determinadas razões, a possibilidade de enviar um delegado a esse congresso) também redigiu um relatório escrito especialmente para o congresso. O relatório exprimia a ideia de que a eleição do comité central, em si, não nos permitiria resolver o problema da união naquele período de plena dispersão que vivíamos, mas que, no caso de ocorrerem novas ondas de prisões, o que é mais do que provável que aconteca nas actuais e precárias condições do trabalho clandestino, ainda assim arriscaríamos a comprometer uma grande ideia: fundar um partido; era preciso, portanto, comecar a convidar todos os comités e todas as outras organizações para apoiar o órgão comum reinstituído, que realmente ligaria todos os comités através de lacos efectivos e prepararia realmente um grupo que assumiria a direcção de todo o conjunto do movimento; os comités e o Partido poderiam, então, transformar facilmente esse grupo criado pelos comités num comité central a partir do momento em que esse grupo crescesse e adquirisse forças. O congresso, entretanto, não pôde realizar-se por causa de uma série de detenções, e o relatório foi destruído por questões de segurança, após ter sido lido apenas por alguns camaradas, entre eles os delegados de um comité. Que julgue o próprio leitor sobre a natureza das acusações como a alusão à usurpação, da parte do Bund, ou do argumento do Rabótcheie Dielo, que pretende termos sido nós a propor relegar os comités para o reino das trevas e "substituir" a organização do Partido pela organização da difusão das ideias através de um jornal. Sim, foi justamente perante esses comités, após vários convites que deles partiram, que apresentámos relatórios sobre a necessidade de aceitar um determinado plano de trabalho comum. Foi justamente para a organização do Partido que elaborámos esse plano nos artigos destinados à Rabótchaia Gazeta e num relatório para o congresso do Partido, e isso após termos sido convidados por aqueles que ocupavam posição tão influente no Partido, que assumiam a iniciativa da sua reconstituição (prática). E foi após o fracasso definitivo da nova tentativa de organização do Partido, para que juntamente connosco fosse oficialmente renovado o órgão central do Partido, que julgámos ser nosso primeiro dever lançar um órgão não oficial a fim de que, na terceira tentativa, os nossos camaradas pudessem ter diante deles certos resultados advindos da experiência, e não apenas de conjecturas hipotéticas. No momento actual, certos resultados dessa experiência já se encontram diante dos nossos olhos, e todos os camaradas podem julgar se compreendemos bem o nosso dever e, também, a opinião artesanal (como todo militante que pensa um pouco), B-v, subjugado pelo "economismo", não consegue encontrar um meio de sair dessa situação intolerável. Não, a sociedade fornece um número muito grande de homens aptos para o "trabalho", mas não sabemos utilizá-los a todos. O estado crítico, o estado transitório do nosso movimento nesse aspecto pode ser assim formulado: há falta de homens embora os homens existam em grande quantidade. Os homens existem em grande quantidade porque a classe operária e camadas cada vez mais variadas da sociedade fornecem, a cada ano, um número sempre maior de descontentes, desejosos de protestar, prontos a cooperar de acordo com suas forcas na luta contra o absolutismo, cujo carácter intolerável ainda não foi reconhecido por toda a gente, mas é cada vez mais vivamente sentido por uma massa cada vez maior. E, ao mesmo tempo, há falta de homens, porque não há dirigentes, chefes políticos, organizadores capacitados para realizar um trabalho simultaneamente amplo, coordenado e harmonioso, que permita utilizar todas as forças, mesmo as mais insignificantes. "O crescimento e o desenvolvimento das organizações revolucionárias" retardam não apenas o crescimento do movimento operário - como o reconhece o próprio B-v -, mas também o crescimento do conjunto do movimento democrático em todas as camadas do povo. (Aliás, é provável que hoje B-v subscrevesse tal complemento da sua conclusão). O quadro do trabalho revolucionário é demasiado restrito em relação à grande base espontânea do movimento, e está demasiado comprimido pela precária teoria da "luta económica contra os patrões e o governo". Ora, hoje, não são apenas os agitadores políticos, mas também os sociais-democratas organizadores que devem "ir a todas as classes da população". Os sociais-democratas poderão perfeitamente repartir as inúmeras funções fragmentárias do trabalho de organização entre os representantes das mais diversas classes: nenhum militante, creio eu, duvidará disso. A falta de especialização, que B-v lamenta amargamente e com tanta razão, constitui um dos maiores defeitos dos nossos procedimentos técnicos. Quanto menores forem as diferentes "operações" da acção comum. tanto maior será o número de pessoas capazes de executá-las que poderão ser encontradas (e. na maior parte dos casos, completamente incapazes de se tornarem revolucionários profissionais); quanto mais difícil for para a polícia "marcar" todos esses "militantes especializa dos", mais difícil será montar, com o delito insignificante de um indivíduo, um "caso" de importância que justifique as verbas despendidas pelo Estado com a "segurança". Quanto ao número de pessoas, prontas a fornecer-nos cooperação, já observámos, no capítulo precedente, a grande mudanca que se processou a esse respeito, somente nos últimos cinco anos. Mas, por outro lado, para agrupar todas essas mínimas fracções num só todo e para não fragmentar o próprio movimento juntamente com as funções, para inspirar no executante das pequenas funções a fé na necessidade e na importância do seu trabalho, sem a qual jamais realizará nada. para tudo isto é preciso ter uma forte organização de revolucionários experimentados. Com tal organização, a fé na forca do partido será fortalecida e expandir-se-á de forma cada vez mais intensa quanto mais essa organização for clandestina; ora, na guerra, todos nós sabemos que o que importa acima de tudo não é apenas inspirar no exército a confiança nas suas próprias forças, mas

também impô-la ao inimigo e a todos os elementos neutros; por vezes uma neutralidade benevolente pode decidir a vitória. Com tal organização fundamentada em base teórica bastante firme e dispondo de um órgão socialdemocrata, nada haverá a recear quanto ao facto de o movimento poder ser desviado pelos numerosos elementos de "fora", que a ele tenham aderido (ao contrário, é exactamente agora com o trabalho artesanal que predomina entre nós, que vemos inúmeros sociais-democratas empurrarem o movimento em direcção ao Credo, pretendendo serem os únicos sociais-democratas). Numa palavra, a especialização implica necessariamente a centralização, exigindo-a de forma absoluta. Mas o próprio B-v, que tão bem demonstrou toda a necessidade da especialização, não avalia suficientemente o seu valor, conforme nos parece, na segunda parte do raciocínio citado. Diz ele que o número de revolucionários saídos dos meios operários é insuficiente. Essa observação é perfeitamente correcta, e mais uma vez sublinhamos que a "preciosa informação de um observador directo" confirma inteiramente o nosso ponto de vista sobre as causas da crise actual da social-democracia e, portanto, sobre os meios de remediá-la. Não são apenas os revolucionários que, em geral, estão atrasados em relação ao impulso espontâneo das massas operárias. E esse facto confirma com toda a evidência, mesmo do ponto de vista "prático", não apenas o absurdo, mas também o carácter político reaccionário da "pedagogia" com que somos obseguiados frequentemente a propósito dos nossos deveres em relação aos operários. Atesta que a nossa primeira e imperiosa obrigação é contribuir para formar revolucionários operários. que estejam no mesmo nível dos revolucionários intelectuais em relação à actividade no Partido. (Salientamos "em relação à actividade no Partido", pois, em relação aos outros aspectos, atingir esse mesmo nível constitui, para os operários, algo muito menos fácil e muito menos urgente, embora necessário). Por isso, é preciso que nos dediguemos principalmente a elevar os operários ao nível dos revolucionários, e nunca devemos descer, nós próprios, ao nível da "massa operária" como desejam os "economistas", ao nível do "operário médio" como quer a Svoboda (que, sob esse aspecto, eleva ao quadrado a "pedagogia" economista). Longe de mim negar a necessidade de uma literatura popular para os operários, e de uma outra especialmente popular (mas não uma literatura de má qualidade) para os operários mais atrasados. Mas o que me revolta é essa tendência de se unir a pedagogia às questões de política, às questões de organização. Porque, afinal, os senhores que se arvoram em defensores do "operário médio", insultam antes de tudo esse operário, sempre que manifestam o desejo de se inclinarem na sua direcção, ao invés de lhe falarem de política operária ou de organização operária. Corrijam-se, portanto, e falem de coisas sérias, deixando a pedagogia aos pedagogos, e não aos políticos e aos organizadores! Não existem também entre os intelectuais elementos avancados, elementos "médios" e uma "massa"? Não reconhecem todos a necessidade de uma literatura popular para os intelectuais, e não se publica essa literatura? Mas imaginem que, num artigo sobre a organização de estudantes universitários ou liceais, o autor, em tom de quem faz uma descoberta, fica repisando inutilmente que, antes de mais nada, é preciso uma organização de "estudantes médios". Com toda a certeza, e justamente, tal autor seria ridicularizado. Mas, poderão dizer-lhe: dê-nos algumas ideias sobre a

não poderia ser explicada a não ser pela ingenuidade ou pelo carácter primitivo das concepções políticas; desde o início repudiou deliberadamente a acusação de se colocarem "inspectores do Partido" para esse fim. Portanto, pode-se e deve-se responder em profundidade à crítica do plano feita por Nadejdine, e responder ao Rabótcheie Dielo apenas com desprezo. Mas o desprezo pelo escritor que se rebaixa ao ponto de censurar a "autocracia" e a "submissão", não nos dispensa da obrigação de desfazer a confusão que essas pessoas criam no leitor. Aqui, podemos demonstrar claramente a todos, qual é a qualidade das frases correntes sobre a "ampla democracia". Acusam-nos de esquecer os comités, de guerer ou tentar relegá-los para o reino das trevas etc. O que responder a essas acusações. quando não podemos contar ao leitor quase nada de real sobre as nossas relações práticas com os comités por razões ligadas à conspiração? As pessoas que lancam uma acusação áspera, que irrita a multidão, ganham vantagem pela sua desenvoltura e pelo desdém que demonstram pelos deveres do revolucionário. que esconde cuidadosamente dos olhos do mundo as relações e ligações que realiza, estabelece ou procura estabelecer. Compreende-se porque renunciamos de uma vez por todas a competir com essas pessoas no campo da "democracia". Quanto ao leitor não iniciado em todos os assuntos do Partido, o único meio de cumprir o nosso dever, é contar não o que existe ou o que se encontra em Werden, mas uma pequena parte do que já aconteceu, sobre o qual já se pode falar como coisa passada. O Bund faz alusão à nossa "usurpação"; a "União" sediada no estrangeiro acusa-nos de guerer fazer desaparecer os tracos do Partido. Olhem, senhores, terão plena satisfação quando expusermos ao público quatro factos extraídos do passado. O primeiro facto. Os membros de uma das "Uniões de luta", que tiveram participação directa na formação do nosso Partido e no envio de um delegado ao congresso que fundou o Partido, entenderam-se com um dos membros do grupo Iskra para criar uma biblioteca operária especial a fim de atender às necessidades de todo o movimento operário. Não se conseguiu criar uma biblioteca operária e as brochuras escritas para ela. As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos e A Nova Lei Operária, chegaram por vias transversas e por intermédio de terceiros ao estrangeiro, onde foram impressas. O segundo facto. Os membros do Comité Central do Bund propuseram a um dos membros do grupo Iskra montar, como então se expressou o Bund, um "laboratório literário". E lembraram que se isso não fosse conseguido, o nosso movimento poderia sofrer um recuo sensível. A brochura intitulada A Causa Operária na Rússia foi a consequência das negociações. O terceiro facto. O Comité Central do Bund, por intermédio de uma pequena cidade de província, propôs a um dos membros do Iskra que assumisse a direcção da Rabótchaia Gazeta a ser reinstituída; a proposta naturalmente foi aceite, mas depois modificada para proposta de colaboração, numa nova combinação com intervenção na redacção. De novo aceite. Foram enviados artigos (que se conseguiu conservar): "O Nosso Programa" - com um protesto directo contra a "bernsteiniada" e a reviravolta ocorrida na literatura legal e na Rabótchaia Mysl; "A Nossa Tarefa Imediata" ("a organização de um órgão do partido que apareça regularmente e esteja estreitamente ligado a todos os grupos locais", as insuficiências do "trabalho artesanal" predominante); "Uma Questão Urgente" (análise da objecção segundo a qual é preciso, primeiro,

por apagar inteiramente os traços do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, em vias de formação entre nós"... "O órgão de propaganda torna-se um legislador incontrolado, autocrata, de toda a luta revolucionária prática"... "O que deve pensar o nosso partido sobre sua submissão absoluta a uma redacção autónoma" etc. etc. Como o conteúdo e o tom destas citações mostram ao leitor, o Rabótcheie Dielo escandalizou-se. Entretanto, escandalizou-se não por si próprio, mas pelas organizações e comités do nosso Partido que o Iskra pretensamente pretende relegar para o reino das trevas e até fazer apagar os tracos. Que horror, pensarão vocês! Apenas uma coisa é estranha. O artigo "Por Onde Comecar?" apareceu em Maio de 1901; os artigos do Rabótcheie Dielo, em Setembro de 1901; ora, já estamos a meio de Janeiro de 1902. Durante estes períodos de cinco meses (tanto antes como depois de Setembro) nem nenhum comité nem nenhuma organização levantaram protesto formal contra essa coisa monstruosa, que quer relegar comités e organizações para o reino das trevas! Ora, durante esse tempo, o Iskra e a grande maioria das outras publicações locais e não locais publicaram dezenas e centenas de informações vindas de todos os pontos da Rússia. Como pôde acontecer que aqueles a quem se quer relegar para o reino das trevas não se tenham apercebido nem escandalizado com tal coisa, mas sim, que tenha sido uma terceira pessoa a melindrar-se? Isto ocorreu porque os comités e as outras organizações não brincam ao "democratismo", mas realizam trabalho útil. Os comités leram o artigo "Por Onde Começar?" e perceberam que constituía uma tentativa de "tracar o plano de uma organização de modo a poder começar a sua construção de todos os lados, e ao mesmo tempo" e como sabiam e compreendiam perfeitamente que nenhum "desses lados" pensava em "empreender a construção" antes de se convencer da sua necessidade e da realidade do plano arquitectónico, naturalmente nem mesmo pensaram em "escandalizar-se" com a extrema audácia dos homens que declararam no Iskra o sequinte: "dada a urgência e a importância dessa questão, decidimos, da nossa parte, submeter à consideração dos camaradas o esboco de um plano que desenvolveremos de forma mais detalhada numa brochura já em preparação". Será possível, quando se considera seriamente tal questão, não compreender que se os camaradas aceitassem o plano que lhes era oferecido, executá-lo-iam não por "submissão", mas porque estavam convencidos da sua necessidade para a nossa causa comum, e se não o aceitassem, o "esboco" (que palavra pretensiosa, não é?) acabaria por permanecer um simples esboco? Não é verdade que constitui demagogia o facto de se declarar guerra a um esboço de plano, não apenas "demolindo-o completamente" e aconselhando os camaradas a rejeitá-lo, mas também voltando os homens menos competentes em matéria de revolução contra os autores do esboço, pelo simples facto de estes "ousarem legislar", de se colocarem como "reguladores supremos", isto é ousarem pregar um esboco de plano? Será que o nosso partido pode desenvolver-se e seguir em frente, quando uma tentativa de elevar os militantes locais para concepções e objectivos de planos mais amplos etc., recebe objecções não só porque essas concepções parecem falsas, mas também porque se fica "escandalizado" pela "preocupação" de nos elevarmos? Assim, L. Nadejdine, por exemplo, também "demoliu completamente" o nosso plano, mas não se deixou levar por uma demagogia que organização, se é que as tem, e deixe-nos a tarefa de ver quais são entre nós os elementos médios, os superiores ou os inferiores; se não tiver, porém, ideias próprias sobre a organização, todos os seus discursos sobre "a massa" e sobre os elementos "médios" serão simplesmente fastidiosos. Portanto, as questões de "política" e de "organização" são em si mesmas tão sérias, que somente podem ser tratadas seriamente: pode-se e deve-se preparar os operários (e também os estudantes universitários e liceais) de modo a que se possa abordar diante deles essas questões, mas, uma vez abordadas, dêem-lhes uma resposta verdadeira, não façam marcha à ré em direcção aos "médios" ou à "massa", não se considerem dispensados com frases ou anedotas. A fim de se preparar integralmente para essa tarefa, o operário revolucionário deve tornar-se também um revolucionário profissional. Por isso, B-v não tem razão ao dizer que, estando o operário ocupado durante onze horas e meia na fábrica, as outras funcões revolucionárias (salvo a agitação) "devem estar a cargo forcosamente de um número ínfimo de intelectuais". De forma alguma isto acontece "forçosamente", mas, sim em consequência de nosso atraso; porque não compreendemos o nosso dever, que é ajudar todo o operário que se faz notar pelas suas capacidades a tornar-se agitador, organizador, propagandista, divulgador profissional etc. etc. Em relação a este aspecto, desperdicamos vergonhosamente as nossas forças, pois não sabemos cuidar do que precisa ser cultivado e desenvolvido com o maior desvelo. Vejam os alemães: têm cem vezes mais forças que nós, mas compreendem perfeitamente que os operários "médios" não fornecem com muita frequência agitadores verdadeiramente capazes etc. Por isso, tomam a peito a questão de colocar imediatamente todo operário capaz em condições que lhe permitam desenvolver a fundo e aplicar as suas aptidões; fazem dele um agitador profissional, encorajam-no a alargar o seu campo de acção, a estendê-lo de uma única fábrica a toda a profissão, de uma única localidade a todo o país. Assim, adquire a experiência e a habilidade na sua profissão: alarga o seu horizonte e os seus conhecimentos, observa de perto os chefes políticos eminentes de outras localidades e de outros partidos; esforça-se por elevar-se ao nível de tais chefes e aliar o conhecimento do meio operário e o ardor da fé socialista à competência profissional, sem a qual o proletariado não pode empreender uma luta tenaz contra um inimigo perfeitamente preparado. È assim, e apenas assim, que surgem os Bebel e os Auer da massa operária. Mas aquilo que num país politicamente livre é feito por si só, entre nós deve ser realizado sistematicamente pelas nossas organizações. Todo o agitador operário, um pouco dotado e em quem se "deposite esperancas", não deve trabalhar onze horas na fábrica. Devemos cuidar para que viva por conta do partido e possa, no momento desejado, passar à acção clandestina, mudar de localidade, pois, de outro modo, não adquirirá grande experiência, não alargará o seu horizonte, não se poderá manter seguer por alguns anos na luta contra a polícia. Quanto mais amplo e profundo se tornar o impulso espontâneo das massas operárias, mais serão colocados em destaque os agitadores com talento, e também os organizadores e propagandistas talentosos e "práticos" no melhor sentido da palavra (que são tão poucos entre os nossos intelectuais, na sua maioria tão apáticos e indolentes à maneira russa). Quando tivermos destacamentos de operários revolucionários especialmente preparados

(e. bem entendido, de "todas as armas" da acção revolucionária) por uma longa aprendizagem, nenhuma polícia política do mundo poderá derrubá-los, porque esses destacamentos de homens devotados de corpo e alma à revolução gozarão da confianca ilimitada das massas operárias. E cometemos um erro não "empurrando" bastante os operários para esse caminho, comum tanto a eles como aos intelectuais, o caminho da aprendizagem revolucionária profissional, e, pelo contrário, arrastando-os com muita frequência para trás com os nossos discursos estúpidos sobre o que é "acessível" à massa operária, aos "operários médios" etc. Também sob esse aspecto, a estreiteza do trabalho de organização apresenta uma conexão inegável, íntima (embora a imensa majoria dos "economistas" e dos práticos novatos não tenham consciência disso) com as nossas fraquezas teóricas e o nosso atraso nas tarefas políticas. O culto da espontaneidade faz com que, de certa forma, tenhamos medo de nos afastarmos, nem que seja um só passo, daquilo que é "acessível" à massa; de nos elevarmos muito acima da simples satisfação das suas necessidades directas e imediatas. Nada temam, senhores! Lembrem-se que em matéria de organização estamos num tão baixo nível que é

e) A organização de "conspiradores" e o democratismo

até absurdo pensar que poderíamos subir tão alto!

E é justamente isso que temem acima de tudo aquelas pessoas muito numerosas entre nós cujo "senso das realidades" é extremamente desenvolvido, e que acusam os que apoiam o ponto de vista aqui exposto de aferrar-se à opinião da "Narodnaia Volia", de não compreender o "democratismo" etc. Devemos deternos nessas acusações, que o Rabótcheie Dielo naturalmente também apoiou. O autor destas linhas sabe muito bem que os "economistas" de Petersburgo já acusavam a Rabótchaia Gazeta de se entregar ao "narodnolismo" (o que é compreensível, se comparada à Rabótchaia Mysl). Por isso, absolutamente não nos surpreendemos ao saber através de um camarada, pouco depois do nascimento do Iska, que os sociais-democratas da cidade X ... o chamavam de órgão do "narodnolismo". Tal acusação, evidentemente, constituiu para nós um elogio, pois qual é o social-democrata digno desse nome, que os "economistas" não tenham acusado de "narodnolismo"? Essas acusações são originadas por duplo mal-entendido. Em primeiro lugar, a história do movimento revolucionário é tão precariamente conhecida entre nós, que é taxada de "narodnolismo toda a ideia referente a uma organização de combate centralizada e que declare resolutamente a querra contra o czarismo. Mas a excelente organização revolucionária de 1870-1880 que deveria servir de modelo a todos nós, não foi criada pelos partidários da "Narodnaia Volia", mas pelos adeptos de "Zemlia i Volia", que em seguida se cindiram em partidários do "Tcherny Perediel" e em narodnoltsy. Portanto, ver numa organização revolucionária de combate uma herança específica dos "narodnoltsy" constitui um absurdo lógico e histórico, pois qualquer tendência revolucionária, ainda que vise pouco seriamente a luta, não poderia prescindir de uma organização desse género. O facto de serem tentados a atrair todos os descontentes para sua organização e de orientá-la para uma luta decisiva contra a autocracia não constituiu o erro, mas, sim, o grande

V

Plano de um jornal público para toda a Rússia

"O maior erro do Iskra nesse aspecto", escreve B. Kritchévski que nos censura pela tendência de "isolando a teoria da prática, transformar a primeira numa doutrina morta" (Rab. Dielo, nº 10, p. 30), "é o seu 'plano' de uma organização geral do Partido" (isto é, o artigo "Por Onde Começar?"). Martynov faz coro e declara que "a tendência do Iskra em diminuir a importância da marcha progressiva da obscura luta quotidiana, em relação à propaganda de ideias brilhantes e acabadas... foi coroada pelo plano de organização do partido, proposto no artigo "Por Onde Comecar?" publicado no número 4 desse jornal" (Idem, p. 61). Enfim, ultimamente, àqueles a quem esse "plano" agastou (as aspas exprimem a ironia quanto a isso), juntou-se L. Nadejdine que, numa brochura que acabámos de receber - Às Vésperas da Revolução (editada pelo "grupo revolucionário socialista" Svoboda, que iá conhecemos) - declara que "falar agora de uma organização cujos fios seriam atados a um jornal para toda a Rússia, é produzir em profusão ideias abstractas e trabalho de gabinete" (p. 126), é fazer "literatura falsificada" etc. A solidariedade do nosso terrorista com os partidários da "marcha progressiva da obscura luta quotidiana" não nos poderia espantar: indicámos as raízes desse parentesco nos capítulos sobre a política e a organização. Mas. desde já devemos observar que L. Nadeidine, e somente ele. tentou conscienciosamente penetrar no sentido do artigo que lhe desagradou, ao qual tentou responder em profundidade, enquanto o Rab. Dielo nada disse de profundo e apenas procurou confundir a questão através de uma série de procedimentos demagógicos indignos. E por mais desagradável que seja, é preciso primeiro perder tempo para limpar as estrebarias de Augias.

a) Quem se escandalizou com o artigo "Por onde começar"

Vamos citar o rosário de expressões e exclamações que o Rabótcheie Dielo lançou sobre nós. "Não é um jornal que pode criar a organização do Partido, mas, sim, o contrário"... "Um jornal colocado acima do Partido, fora do seu controlo e independente do Partido graças à sua própria rede de agentes"... "Qual foi o milagre que fez com que o Iskra esquecesse as organizações sociais-democratas já existentes de facto no Partido ao qual ele próprio pertence?"... "Os que possuem firmes princípios e um plano apropriado são também os supremos reguladores da luta real do partido, ao qual ditam a execução do seu plano"... "O plano relega as nossas organizações tão reais e viáveis para o reino das trevas, e quer dar vida a uma rede fantástica de agentes"... "Se o plano do Iskra fosse executado, acabaria

mérito histórico dos "narodnoltsy". O erro dos "narodnoltsy" consistiu em terem-se apoiado sobre uma teoria que, no fundo, não era de forma alguma revolucionária, e em não terem sabido, ou podido, ligar indissoluvelmente o seu movimento à luta de classes no seio da sociedade capitalista em desenvolvimento. E só a mais grosseira incompreensão do marxismo (ou uma "compreensão" à maneira do "struvismo") podia conduzir à crença de que o nascimento de um movimento operário de massa espontâneo nos liberta da obrigação de criar uma organização revolucionária tão boa, ou incomparavelmente melhor, do que a do "Zemlia "Volia". Pelo contrário, é esse movimento que nos impõe precisamente essa obrigação, pois, a luta espontânea do proletariado não se transformará numa verdadeira luta de classe do proletariado enquanto não for dirigida por uma forte organização de revolucionários. Em segundo lugar, há muitos - e ao que parece também B. Kritchévski (Rab. Dielo, n.º 10, p. 18) - que interpretam erradamente a polémica sobre a posição dos sociais-democratas contra a concepção da luta política como "conspiração". Combatemos e sempre combateremos a limitação de luta política às dimensões de uma conspiração, mas isto não significa absolutamente, como se pensa, que nequemos a necessidade de uma organização revolucionária forte. Assim, na brochura mencionada na nota, encontra-se ao lado da polémica contra aqueles que desejariam restaurar a luta política como uma conspiração, o esboco de uma organização (apresentada como a ideal dos sociais-democratas) bastante forte para poder "recorrer à insurreição" e a qualquer "outra forma de ataque", "a fim de dar um golpe decisivo no absolutismo". Considerando apenas a forma, essa organização revolucionária num país autocrático pode ser qualificada como organização "conspirativa", pois o segredo é-lhe absolutamente necessário e indispensável, a ponto de todas as outras qualidades (número de membros. escolha dos membros, funções etc.) deverem ajustar-se a isso. Seríamos, portanto, muito ingénuos se nós, sociais-democratas, receássemos ser acusados de criar uma organização conspirativa. Semelhante acusação também é lisonjeira para qualquer inimigo do "economismo", tal como a acusação de "narodnolismo". Ouviremos, porém, a objecção de que uma organização tão poderosa e tão estritamente secreta, que concentre nas suas mãos todos os fios de acção clandestina, organização necessariamente centralizada, poder lançar-se num ataque prematuro demasiado facilmente e poder estimular de forma imprudente o movimento, antes que este se torne possível e necessário pelos progressos do descontentamento político, pela força da efervescência e da exasperação da classe operária etc. A isso responderemos: falando de maneira abstracta, evidentemente não seria possível negar que uma organização de combate pudesse empenhar-se irreflectidamente numa batalha, que pode terminar em derrota o que, noutras condições, não aconteceria. Mas, no caso, é impossível restringir-se a argumentação a considerações abstractas, pois todo o combate implica possibilidades abstractas de derrota, e não há outro meio de diminuí-las senão preparando-se sistematicamente para o combate. E se a questão é colocada sobre o terreno concreto da situação russa de hoje, chega-se à conclusão positiva de que uma organização revolucionária forte é absolutamente necessária justamente para dar estabilidade ao movimento, e preservá-lo da possibilidade de ataques irreflectidos. Mas é porque nos falta essa organização e o

movimento revolucionário espontâneo faz rápidos progressos, que se observa o aparecimento de dois extremos opostos (que, como é lógico, "tocam-se"): um "economismo" completamente inconsistente e com a prédica da moderação, ou então um "terrorismo excitativo" não menos inconsistente, buscando "provocar artificialmente os sintomas para colocar um termo ao movimento, num movimente que progride e se fortalece, mas que ainda está mais perto, do seu ponto de partida do que do seu fim". (V. Zassoulitch, Zaria n.º 2-3, p. 353). O exemplo do Rabótcheie Dielo mostra que existem sociais-democratas que cedem diante desses dois extremos. Isto nada apresenta de surpreendente, pois, abstraindo as outras circunstâncias, "a luta económica contra os patrões e o governo" jamais satisfará um revolucionário, e os extremos opostos sempre aparecerão, aqui ou ali. Apenas uma organização de combate centralizada que pratique com firmeza a política social-democrata e, por assim dizer, que satisfaca a todos os instintos e aspirações revolucionárias, está em condições de preservar o movimento contra um ataque irreflectido e preparar outro que prometa o êxito. Em seguida, ser-nos-á colocada a objecção de que nosso ponto de vista sobre a organização está em contradição com o "princípio democrático". Da mesma forma que a acusação precedente apresenta uma origem especificamente russa, esta apresenta um carácter especificamente estrangeiro. Apenas uma organização sediada no estrangeiro (a "União dos Sociais-Democratas Russos") podia dar à luz, entre outras, a seguinte instrução: "Princípio de organização. No interesse do bom desenvolvimento da união da social-democracia, é conveniente sublinhar. desenvolver, reivindicar o princípio de uma ampla democracia na organização do Partido, o que se tornou particularmente necessário pelas tendências antidemocráticas que se revelaram nas fileiras de nosso Partido" (Dois Congressos. p. 18). Veremos no capítulo seguinte como o Rabótcheie Dielo luta contra as "tendências antidemocráticas" do Iskra. No momento, examinaremos mais de perto esse "princípio" colocado pelos "economistas". O "princípio de uma ampla democracia" como todos provavelmente concordarão, implica duas condições expressas: em primeiro lugar, a publicidade completa e, em segundo, a eleicão para todas as funcões. Seria ridículo falar de "democratismo" sem uma publicidade que não se limitasse aos membros da organização. "Chamaremos ao partido socialista alemão uma organização democrática, pois tudo aí se faz abertamente, até as sessões do congresso do partido; mas ninguém qualificará de democrática uma organização encoberta pelo véu do segredo para todos aqueles que não são membros. Por que então colocar o "princípio de uma ampla democracia", quando a condição essencial desse princípio, é inexeguível numa organização clandestina? Esse "amplo princípio", no caso, é apenas uma frase sonora, porém oca. E ainda mais. Essa frase atesta uma incompreensão total das tarefas imediatas em matéria de organização. Todos sabem que, entre nós, a "grande" massa dos revolucionários guarda mal o segredo. Vimos com que amargura B.v se queixa, reclamando com justa razão uma "selecção rigorosa dos membros" (Rab. Dielo, nº6, p.42). E eis que as pessoas que se vangloriam do seu "senso das realidades" vêm sublinhar numa situação semelhante, não a necessidade de um segredo rigoroso e de uma selecção severa (portanto, mais restrita) dos membros, mas o "princípio de uma ampla democracia"! É o que se profissional obriga-nos a pensar também na criação de uma imprensa profissional. Contudo, parece-nos que, com raras excepções, ainda não é possível colocar, na Rússia, tal questão: é um luxo quando frequentemente nos falta o pão de cada dia. Em matéria de imprensa profissional, a melhor forma adaptada às condições actuais do trabalho ilegal, a forma desde hoje necessária, seria a brochura por profissão. Nela deveria ser coligida e agrupada sistematicamente a documentação legal e ilegal sobre as condições de trabalho nesta ou naquela profissão, o que distingue a esse respeito as diferentes regiões da Rússia, as principais reivindicações dos operários de uma dada profissão, as insuficiências de legislação a que ela se refere; sobre os exemplos mais relevantes da luta económica dos operários desta ou daquela corporação; sobre o início, o estado actual e as necessidades da sua organização sindical etc. Inicialmente, estas brochuras necessitariam que a nossa imprensa social-democrata fornecesse uma série de detalhes profissionais que interessassem especialmente os operários de uma determinada profissão; em seguida, reproduziriam os resultados da nossa experiência na luta sindical, conservariam a documentação colectada, que hoje literalmente se perde na massa de folhas volantes e publicações fragmentárias. e generalizariam essa documentação. Em terceiro lugar, poderiam servir, de alguma forma, como guia para os agitadores, uma vez que as condições de trabalho se modificam de forma relativamente lenta, e as reivindicações essenciais dos operários de uma determinada profissão são muito estáveis (comparem as reivindicações dos tecelões da região de Moscovo, em 1885, e as da região de Petersburgo, em 1896). O resumo dessas reivindicações e necessidades poderia constituir, durante anos, um excelente manual para a agitação económica nas localidades atrasadas ou entre as categorias de operários mais atrasadas. Os exemplos de greves vitoriosas, em determinada região, os dados ilustrando um nível superior de vida, de melhores condições de trabalho numa determinada localidade, encorajariam os operários de outras localidades a novas lutas. Enfim. tomando a iniciativa de generalizar a luta profissional e reforcando, assim, a ligação do movimento profissional russo com o socialismo, a social-democracia trabalharia simultaneamente para que a nossa accão sindical ocupasse um lugar. nem muito grande nem muito pequeno, no conjunto do nosso trabalho socialdemocrata. É muito difícil, quase impossível, para uma organização local, isolada das organizações de outras cidades, observar na justa proporção esse aspecto (e o exemplo da Rabótchaia Mysl indica o monstruoso exagero a que se pode chegar, em termos de sindicalismo). Mas uma organização de revolucionários para toda a Rússia, que se mantenha deliberadamente ligada ao ponto de vista do marxismo, que dirija toda a luta do ponto de vista do marxismo, que dirija toda a luta política e que disponha de um estado-maior de agitadores profissionais, jamais terá dificuldades para estabelecer essa justa proporção.

das localidades, e, frequentemente, nem seguer temos consciência dessa necessidade. Procurem na nossa imprensa social-democrata artigos vivos e interessantes, notícias que revelem os nossos assuntos diplomáticos, militares, religiosos, municipais, financeiros etc., grandes ou pequenos; guase nada ou muito pouco será encontrado. Por isso, "fico terrivelmente irritado quando alquém me vem dizer uma série de coisas muito lindas e notáveis" sobre a necessidade de haver, "em cada aglomeração operária algo significativa", jornais que denunciem os abusos que ocorrem nas fábricas, na administração municipal, e no Estado! A predominância da imprensa local sobre a imprensa central ou é um indício de miséria ou então de opulência. De miséria, quando o movimento ainda não forneceu forcas suficientes para a produção em grande escala, quando ainda vegeta nos métodos artesanais e está quase imerso nos "pequenos factos da vida de fábrica". De opulência, quando o movimento já teve êxito completo no cumprimento das suas múltiplas tarefas de divulgação e de agitação, e surge a necessidade de se ter, paralelamente a um órgão central, numerosos órgãos locais. Quanto ao significado da preponderância dos órgãos locais, entre nós, no momento actual, deixo a cada um a preocupação de decidir. Quanto a mim, para evitar qualquer mal-entendido, formularei de forma precisa a minha conclusão. Até agora, a maioria das nossas organizações locais pensa quase que exclusivamente nos órgãos locais: ocupam-se activamente apenas desses últimos. Isto não é normal. Pelo contrário, é preciso que a maioria das organizações locais pense principalmente na criação de um órgão para toda a Rússia, que disso se ocupe. Enquanto não for assim, não poderemos publicar nem mesmo um único jornal que seja capaz de servir verdadeiramente o movimento através de uma grande agitação pela imprensa. E quando isso ocorrer, as relações normais entre o órgão central indispensável e os indispensáveis órgãos locais serão estabelecidas por si próprias. Á primeira vista pode parecer que a necessidade de deslocar o centro de gravidade, do trabalho local para o trabalho à escala nacional, não é indicada no terreno da luta económica pura. Aqui, o inimigo directo dos operários é representado pelos empregadores isolados ou grupos de empregadores não ligados entre si por uma organização que lembre, mesmo que apenas longinquamente, uma organização puramente militar, estritamente centralizada, dirigida nos menores detalhes por uma vontade única, como é a organização do governo russo, nosso inimigo directo na luta política. Mas, não é assim. A luta económica - já dissemos milhares de vezes - é uma luta profissional, e por isso exige o agrupamento dos operários por profissão, e não unicamente por local de trabalho. E esse agrupamento por profissões é tanto mais urgente quanto maior for a precipitação dos empregadores em se agruparem em sociedades e sindicatos de toda a espécie. O nosso fraccionamento e os nossos métodos artesanais entravam nitidamente esta agrupamento, que necessita de uma só organização de revolucionários para toda a Rússia, capaz de assumir a direcção das associações profissionais operárias á escala nacional. Expusemos acima o tipo de organização apropriada; acrescentaremos a seguir algumas palavras apenas em relação à nossa imprensa.

Ninguém contesta que todo jornal social-dernocrata deva trazer uma secção dedicada à luta profissional (económica). Mas o crescimento do movimento

chama "meter os pés pelas mãos". Em relação ao segundo critério do "democratismo", o princípio electivo, as coisas não são melhores. Nos países onde reina a liberdade política, esse factor existe por si mesmo, "São membros do partido todos aqueles que reconhecem os princípios do seu programa e apoiam o partido na medida de suas forcas", diz o primeiro parágrafo dos estatutos do partido social-democrata alemão. E como a arena política é visível a todos, como o palco de um teatro para os espectadores, todos sabem pelos jornais e assembleias públicas se essa ou aquela pessoa reconhece ou não esses princípios, apoia o partido ou a ele se opõe. Sabe-se que tal militante político teve este ou aquele início, teve esta ou aquela evolução, que num determinado momento difícil da sua vida se comportou de determinada maneira, que se distingue por estas ou aquelas qualidades; além disso, todos os membros do partido podem, com conhecimento de causa, eleger ou não esse militante para um determinado posto do partido. O controlo geral (no sentido restrito da palavra) de cada passo dado por um membro do partido na sua carreira política cria um mecanismo que funciona automaticamente, e que assegura o que em biologia se denomina a "sobrevivência do mais apto". Gracas a essa "selecção natural", resultado de uma publicidade completa, da elegibilidade e do controlo geral, cada militante é "classificado no seu lugar", assume a tarefa mais apropriada às suas forcas e capacidades, arca ele próprio com todas as consequências das suas faltas, e demonstra diante de todos que capacidade tem de tomar consciência das suas faltas e de as evitar. Tentem encaixar esse quadro na moldura de nossa autocracia! Seria possível entre nós, que todos aqueles "que reconhecem os princípios do programa do partido e o sustentam na medida das suas forças", pudessem controlar cada passo dado pelos revolucionários clandestinos? Que todos fizessem uma escolha entre estes últimos, quando o revolucionário é obrigado, no interesse do trabalho, a esconder aquilo que realmente é de nove entre dez pessoas? Se reflectíssemos um pouco no verdadeiro sentido das frases grandiloquentes lancadas pelo Rabótcheie Dielo, compreenderíamos que o "amplo" democratismo" da organização do partido, nas trevas da autocracia e sob um regime de selecção policial, "não é senão uma futilidade prejudicial, pois, de facto, nenhuma organização revolucionária jamais aplicou, nem poderá aplicar, apesar de toda a sua boa vontade, um amplo "democratismo". É uma futilidade prejudicial, pois as tentativas para se aplicar de facto o "princípio de uma ampla democracia" apenas facilitam o grande número de detenções que a polícia realiza, perpetuam o reinado do trabalho artesanal, desviam o pensamento dos práticos da sua séria e imperiosa tarefa, que é, "proceder à educação de revolucionários profissionais, para a redacção de detalhados estatutos" burocráticos sobre os sistemas de eleição. Apenas no estrangeiro, onde frequentemente se reúnem homens que não têm possibilidade de realizar um trabalho útil e prático, é que se pode desenvolver essa mania de "brincar ao democratismo", sobretudo em alguns pequenos grupos. Para mostrar ao leitor como é indigna a maneira de proceder do Rabótcheie Dielo, que prega esse "princípio" aparentemente verdadeiro que é o "democratismo" no trabalho revolucionário, mais uma vez recorreremos a uma testemunha. Essa testemunha, E. Serbriakov, director da revista Nakanune, em Londres, mostra nitidamente uma fraqueza pelo Rabótcheie Dielo e uma aversão acentuada por

Plekhanov e seus "plekhanovianos"; nos seus artigos sobre a cisão Nakanune tomou resolutamente o partido do Robótcheie Dielo e derramou uma onda de palayras desprezíveis contra Plekhanov. Por isso é que o seu testemunho sobre essa questão nos é tão precioso. No artigo intitulado "A Propósito do Apelo do Grupo de Autolibertação dos Operários" (Nakanune, n.º 7 Julho de 1899), E. Serebriakov, observando a "inconveniência que havia em levantar as questões de prestígio e de primazia no chamado areópago de um movimento revolucionário sério", escrevia, entre outras coisas: "Mychkine, Rogatchey, Jehaboy, Míkhailoy, Perovskaía, Figner e outros nunca se consideraram dirigentes. Ninguém os elegeu ou nomeou e, no entanto, eram chefes, pois, tanto em período de propaganda como em período de luta contra o governo, assumiam o trabalho mais difícil, iam aos lugares mais expostos, e a sua actividade era a mais proveitosa. E essa primazia não era o resultado dos seus desejos, mas da confianca dos camaradas que os rodeavam, na sua inteligência, na sua energia e no seu devotamento. E seria muita ingenuidade temer um areópago, qualquer que seja, (e se ele não for temido, por que fala nisso?) que dirigisse autoritariamente o movimento. Então, quem lhe obedeceria?" Perguntamos ao leitor: Qual a diferenca entre um "areópago" e as "tendências antidemocráticas"? Não é evidente que o princípio de organização aparentemente verdadeiro do Rabótcheie Dielo é tão ingénuo quanto inconveniente? Ingénuo, porque o "areópago" ou as pessoas com "tendências antidemocráticas" não serão obedecidas sinceramente por ninguém, desde o momento que "os camaradas que os cercam não tiverem confianca nas suas inteligência, energia e devotamento". Inconveniente, como procedimento demagógico que se aproveita da vaidade de alguns e da ignorância de outros no que respeita ao verdadeiro estado de nosso movimento, da falta de preparação e ainda da ignorância da história do movimento revolucionário. Para os militantes do nosso movimento, o único princípio sério em matéria de organização deve ser: segredo rigoroso, escolha rigorosa dos membros, formação de revolucionários profissionais. Reunidas essas qualidades, teremos algo mais do que "democratismo": teremos uma confiança plena e fraternal entre revolucionários. Ora, esse algo a mais é-nos absolutamente necessário, pois, entre nós, na Rússia, não seria possível substituí-lo pelo controlo democrático geral. E seria um grande erro acreditar que a impossibilidade de um controlo verdadeiramente "democrático" torna os membros da organização revolucionária incontroláveis: de facto, estes não têm tempo de pensar nas formas pueris de "democratismo" ("democratismo" no seio de um núcleo restrito de camaradas entre os quais, haja plena confiança), mas percebem com muita clareza a sua responsabilidade, e além disso sabem pela própria experiência que, para se livrar de um membro indigno, uma organização de verdadeiros revolucionários não recuará diante de gualquer meio. Além disso, existe entre nós, no meio revolucionário russo (e internacional), uma opinião pública bastante desenvolvida, que tem uma longa história e castiga com rigor implacável qualquer falta aos deveres de camaradagem (ora. o "democratismo", o democratismo verdadeiro e não pueril, é um elemento constitutivo dessa noção de camaradagem!). Levando tudo isto em conta, compreenderemos como esses discursos e resoluções sobre as "tendências antidemocráticas" exalam o cheiro a porão característico da emigração, com

cada quinze dias. Aqueles que conhecem a situação nas nossas organizações não podem duvidar disso. Quanto a surpreender o inimigo em flagrante delito, se quisermos levar a sério e não ser levados pela beleza do estilo, um jornal ilegal não poderia seguer pensar nisso: isso só pode ser feito através de folhas volantes. pois a maior parte das vezes, só se dispõe de um ou dois dias (por exemplo. quando se trata de uma greve comum e curta, de um tumulto na fábrica, de uma manifestação qualquer etc.). "O operário não vive apenas na fábrica, vive também na cidade" prossegue o nosso autor, passando do particular para o geral com um tão rigoroso sentido de seguência que honraria o próprio Bóris Kritchévski. E indica as questões a tratar: as dumas municipais, os hospitais, as escolas, e declara que um jornal operário não poderia silenciar os assuntos municipais. Tal disposição é, em si, excelente, mas mostra bem as abstracções vazias de sentido com as quais nos contentamos com tanta frequência quando se trata de jornais locais. Primeiro. se em "toda organização operária algo significativa" fossem fundados de facto jornais com uma secção municipal tão pormenorizada como quer a Svoboda, isso infalivelmente degeneraria em verdadeiras mesquinharias, nas condições russas, enfragueceria o sentimento que temos sobre a importância de uma investida revolucionária de toda a Rússia contra a autocracia; reforçaria os germes bastante resistentes - mais dissimulados ou reprimidos do que extirpados - da tendência tornada célebre pela famosa frase sobre os revolucionários que falam muito do parlamento inexistente, e pouco das dumas municipais existentes. Infalivelmente, dizemos acentuando assim que não é isso que a Svoboda deseja, mas o contrário. Não bastam as boas intenções. Para que os assuntos municipais sejam tratados sob uma perspectiva apropriada ao conjunto do nosso trabalho, é preciso, primeiro, que essa perspectiva seja perfeitamente definida, firmemente estabelecida não apenas por simples raciocínios, mas também por inúmeros exemplos; é preciso que adquira a solidez de uma tradição. Ainda estamos longe disso, e portanto é preciso começar daí, antes que se possa pensar em uma grande imprensa local, ou dela falar. Em segundo lugar, para escrever verdadeiramente bem e de forma interessante sobre os assuntos municipais, é preciso conhecê-los bem, e não apenas através dos livros. Ora, em toda a Rússia, quase não há sociais-democratas que possuam esse conhecimento. Para escrever num jornal (e não numa brochura popular) sobre os assuntos da cidade e do Estado, é preciso ter uma documentação nova, múltipla, recolhida e elaborada por homens competentes. Ora, para recolher e elaborar semelhante documentação, não basta a "democracia primitiva" de um círculo primitivo, no qual todos se ocupam de tudo e divertem com referendos. Para isso, é preciso um estado-maior de escritores especializados, de correspondentes especializados, um exército de repórteres sociais-democratas que estabeleçam relações de todos os lados, saibam penetrar até nos menores "segredos de Estado" (dos quais o funcionário russo tanto se gaba e com tanta facilidade divulga), introduzir-se em todos os "bastidores", um exército de pessoas obrigadas "pelas suas funções" a serem omnipresentes e omniscientes. E nós, Partido de luta contra toda opressão económica, política, social, nacional, podemos e devemos encontrar, reunir, instruir, mobilizar e pôr em marcha esse exército de homens omniscientes. Porém, isso ainda não está feito! Ora, nada temos realizado nesse sentido, na maior parte

organização. De facto, não é quixotismo dizer, como a Svoboda (nº 1, p. 68), ao "tratar especificamente a questão do jornal" que: "Em nossa opinião, cada aglomeração operária algo significativa deve ter o seu próprio jornal. O seu próprio jornal feito por ela, e não trazido de fora". Se este publicista não quer reflectir no sentido das suas palavras, que o leitor ao menos reflicta por ele: quantas dezenas ou centenas "de aglomerações operárias algo significativas" existem na Rússia e da forma como os nossos métodos artesanais seriam perpetuados se cada organização local comecasse realmente a editar o seu próprio jornal! Da forma como esse fraccionamento facilitaria o trabalho da polícia: prender sem qualquer esforco "considerável" "os militantes locais no início da sua actividade, antes que tivessem tempo de se transformarem em verdadeiros revolucionários! Num jornal para toda a Rússia, continua o autor, seriam fastidiosas as tramas dos fabricantes e "os pequenos factos da vida de fábrica noutras cidades que não a do leitor", mas "o habitante de Orel não se aborrecerá ao ler o que se passa em Orel. Em cada ocasião pode reconhecer aqueles que 'foram pilhados', os que foram 'persequidos' e a sua mente trabalha" (p. 69). Sim, naturalmente a mente do habitante de Orel trabalha, mas a imaginação do nosso publicista também "trabalha" demasiadamente. É oportuno defender assim semelhante mesquinharia? É nisso que deveria reflectir. Naturalmente as revelações sobre a vida das fábricas são necessárias e importantes, isso reconhecemos melhor que ninguém, mas é preciso lembrar que chegámos a uma situação em que os habitantes de Petersburgo já se cansaram de ler a correspondência petersburguesa do jornal petersburguês Rabótchaia Mysl. Para as revelações do que ocorre nas fábricas sempre tivemos e sempre deveremos ter as folhas volantes, mas quanto ao conteúdo do nosso jornal, devemos elevá-lo e não rebaixa-lo ao nível de uma folha volante de fábrica. Quando se trata de um "jornal", é preciso revelar não tanto os "pequenos factos" como os defeitos essenciais, particulares à vida da fábrica, revelações na base de exemplos relevantes e, por consequinte, susceptíveis de interessar a todos os operários e dirigentes do movimento, enriquecendo verdadeiramente os seus conhecimentos, alargando o seu horizonte, despertando uma nova região, uma nova categoria profissional de operários. "Em seguida, no jornal local pode-se apreender in loco, ainda quentes, todas as tramas da hierarquia da fábrica ou das autoridades. Ao contrário, com um jornal central, distante, a notícia demoraria a chegar, e quando o jornal saísse o acontecimento estaria esquecido: "Quando foi isto, que vá pró diabo quem se lembra!" (Mid). Precisamente: para o diabo quem se lembra! Segundo a mesma fonte, os trinta números publicados em dois anos e meio vêm de seis cidades. Isto significa que, em média, há um número a cada seis meses por cidade! Supondo mesmo que nosso publicista, irreflectidamente, triplica o rendimento do trabalho local (o que seria, absolutamente falso para uma cidade média, pois os nossos métodos artesanais impedem um aumento sensível do rendimento), teremos apenas um número a cada dois meses; portanto, não seria possível "apreender ainda quentes" as notícias: Porém, bastaria que dez organizações locais se unissem e confiassem aos seus delegados a função activa de organizar um jornal comum, para que fosse possível "apreender" não somente os pequenos factos, mas os abusos gritantes e típicos de toda a Rússia e isto a

as suas pretensões ao generalato! É conveniente notar, além da ingenuidade, uma outra fonte desses discursos; a ideia confusa que se faz da democracia. A obra do casal Webb sobre os sindicatos ingleses apresenta um capítulo curioso sobre a "democracia primitiva". Os autores narram aí que os operários ingleses, no primeiro período de existência dos seus sindicatos, consideravam como condição necessária da democracia a participação de todos os membros em todos os detalhes da gestão dos sindicatos, não só todas as questões eram resolvidas pelo voto de todos os membros, mas também as próprias funções eram exercidas por todos os membros, sucessivamente. Foi preciso uma longa experiência histórica para que os operários compreendessem o absurdo de tal concepção da democracia e a necessidade de instituições representativas, por um lado, e de funcionários profissionais, por outro. Foi preciso ocorrerem inúmeras falências de caixas sindicais para fazer com que os operários compreendessem que a questão da relação proporcional entre as quotizações depositadas e os subsídios recebidos não podia ser decidida apenas pelo voto democrático, e que tal questão também exigia o parecer de um especialista em seguros. Em seguida, tomem o livro de Kaustsky sobre o parlamentarismo e a legislação popular, e verão que as conclusões desse teórico marxista concordam com os ensinamentos advindos da longa prática dos operários "espontaneamente" unidos. Kautsky erque-se resolutamente contra a concepção primitiva da democracia de Rittinghausen. zomba das pessoas prontas a reclamar, em nome dessa democracia, de "os jornais populares serem redigidos pelo próprio povo", prova a necessidade de iornalistas, de parlamentares profissionais etc., para a direcção social democrata da luta de classe do proletariado, "ataca o socialismo dos anarquistas e dos literatos" que, "visando o efeito", pregam a legislação popular directa e não compreendem que a sua aplicação é muito relativa na sociedade actual. Aqueles que trabalham na prática no nosso movimento, sabem como a concepção "primitiva" da democracia se difundiu amplamente entre a juventude estudantil e os operários. Não é de surpreender que essa concepção também invada os estatutos e a literatura. Os "economistas" do tipo bernisteiniano escreviam nos seus estatutos: "§ 10. Todos os casos que interessem à organização como um todo serão decididos por maioria dos votos de todos os seus membros". Os "economistas" do tipo terroristas repetem atrás deles: "É preciso que as decisões dos comités tenham passado por todos os círculos antes de se tornarem decisões válidas" (Svoboda, n.º 1, P. 67). Observem que essa reivindicação relativa à aplicação ampla do referendo é acrescentada à que deseja que toda a organização seja construída sobre o princípio electivo! Longe de nós, bem entendido, a ideia de condenar por isso os práticos que tiveram tão pouca possibilidade de se iniciarem na teoria e na prática de organizações verdadeiramente democráticas. Mas quando o Rabótcheie Dielo, que aspira a um papel de dirigente, se limita, numa situação como esta, a uma resolução sobre o princípio de uma ampla democracia, por que não dizer de forma simples que unicamente "visa o efeito"?

f) O trabalho à escala local e nacional

Se as objecções ao "não-democratismo" e ao carácter conspirativo da organização cujo plano foi exposto aqui, estão destituídas de qualquer fundamento, resta ainda uma questão que frequentemente é levantada e merece exame detalhado. É o problema da relação entre o trabalho local e o trabalho em escala nacional. A formação de uma organização centralizada, pergunta-se com inquietude, não levará ao deslocamento do centro de gravidade do primeiro em direcção ao segundo? Isto não prejudicará o movimento, visto que nossa ligação com a massa operária será enfraquecida e, de maneira geral, também será abalada a estabilidade da agitação local? A isso responderemos que, nestes últimos anos, o nosso movimento se tem ressentido precisamente do facto de os militantes locais estarem excessivamente absorvidos pelo trabalho local; que é absolutamente necessário, por consequinte, deslocar um pouco o centro de gravidade em direcção ao trabalho em escala nacional; que esse deslocamento longe de enfraguecer, apenas reforcará a nossa ligação com a massa e a estabilidade da nossa agitação local. Tomemos a questão do órgão central e dos órgãos locais; pedimos ao leitor que não se esqueca que a imprensa, para nós, é apenas um exemplo que ilustra uma accão revolucionária infinitamente maior e diversa, em geral. No primeiro período do movimento de massa (1896-1898), os militantes locais fizeram uma tentativa de criar um órgão para toda a Rússia: a Rabótchaia Gazeta; no período seguinte (1898-1900), o movimento deu um grande passo em frente, mas a atenção dos dirigentes estava inteiramente absorvida pelos órgãos locais. Se todos esses órgãos locais fossem levados em conta, verificar-se-ia que, em números redondos, se publicava um número por mês. Tal ilustração não é representativa do facto de o nosso trabalho ser artesanal? Isto não mostra de forma evidente que a nossa organização revolucionária se atrasa em relação ao impulso espontâneo do movimento? Se a própria quantidade de números de jornais tivesse sido publicada não por grupos locais dispersos, mas por uma única organização, não somente teríamos economizado uma quantidade de forcas, como também o nosso trabalho teria sido infinitamente mais estável e contínuo. Eis uma constatação bastante simples frequentemente esquecida pelos práticos que trabalham activamente de uma forma quase exclusiva nos órgãos locais (infelizmente, isto ocorre ainda hoje na grande maioria das vezes) e pelos publicistas que aqui dão provas de um espantoso quixotismo. O prático contentase normalmente em objectar que é "difícil", para os militantes locais, montar um jornal para todo o país, e que é melhor ter jornais locais do que não ter nenhum. Naturalmente, isto é perfeitamente correcto, e para reconhecer a enorme importância e utilidade dos órgãos locais em geral, não necessitamos da advertência de nenhum prático. Mas não é essa a questão; o que importa é saber se não é possível remediar essa dispersão, esse trabalho rudimentar, que o aparecimento de trinta números de jornais locais em toda a Rússia, nestes dois anos e meio, atesta de maneira tão clara. Portanto, não se contentem com uma tese incontestável, porém demasiado geral, sobre a utilidade dos jornais locais em geral; tenham também coragem de reconhecer abertamente os aspectos negativos revelados pela experiência de dois anos e meio. Essa experiência atesta que, dadas as nossas condições, os jornais locais, na maior parte dos casos, são instáveis do ponto de vista dos princípios, não têm penetração política, são

excessivamente onerosos no que diz respeito ao dispêndio de forças revolucionárias, e absolutamente insatisfatórios do ponto de vista técnico (não me refiro, bem entendido, à técnica de impressão, mas à frequência e regularidade da publicação). E todos os defeitos indicados não constituem obra do acaso, mas são o resultado inevitável desse esfacelamento que, de um lado, explica a predominância dos jornais locais no período examinado e, de outro, é sustentado por essa predominância. Uma organização local, por si mesma, não pode assegurar a estabilidade de seu jornal do ponto de vista dos princípios e elevá-lo ao nível de um órgão político; não pode, por si própria, reunir e utilizar documentação suficiente para esclarecer toda a nossa vida política. Quanto ao argumento ao qual geralmente se recorre nos países livres para justificar a necessidade de numerosos jornais locais - o facto de terem preços módicos, por serem impressos pelos operários do lugar, e de apresentarem maior amplitude e rapidez de informações à população - esse argumento, conforme o demonstra a experiência, volta-se, entre nós, contra os jornais locais. Estes últimos custam demasiado caro, em relação ao dispêndio de forcas revolucionárias, e aparecem em intervalos extremamente espaçados pela simples razão de que um jornal ilegal. por menor que seja, exige um enorme aparelho clandestino, que se é possível montar num grande centro fabril, já não o é numa oficina de artesão. O carácter rudimentar do aparelho clandestino permite ordinariamente (qualquer militante conhece inúmeros exemplos deste género) à polícia realizar prisões em massa, após o aparecimento e a divulgação de um ou dois números, e destruir as coisas ao ponto de ser preciso recomecar tudo de novo. Um bom aparelho clandestino exige, uma boa preparação profissional dos revolucionários e uma divisão rigorosamente lógica do trabalho. Duas condições absolutamente impossíveis para uma organização local, por mais forte que seja num determinado momento. Sem falar dos interesses de nosso movimento como um todo (educação socialista e uma política operária consequente), não é através dos órgãos locais que os interesses especificamente locais são melhor defendidos; apenas à primeira vista isto poderia parecer um paradoxo; mas, na realidade, é um facto irrefutável, provado pela experiência de dois anos e meio de, que já falamos. Todos concordarão que, se todas as forcas locais que publicaram trinta números de jornais tivessem trabalhado para um único jornal, esse jornal teria facilmente chegado a sessenta ou até cem números e, por consequinte, teria reflectido de forma mais completa todas as particularidades puramente locais do movimento. Na verdade, não é fácil atingir este grau de organização, mas também é preciso que tomemos consciência da necessidade de que cada círculo local pense e trabalhe activamente nesse sentido, sem esperar um impulso de fora, sem se deixar seduzir pela acessibilidade, pela proximidade de um órgão local, proximidade que é em grande parte ilusória, como o demonstra a nossa experiência revolucionária. E os publicistas, que não percebem este carácter ilusório, que acreditam estar especialmente próximos dos práticos e se esquivam do jornal para toda a Rússia com o raciocínio espantosamente fácil e vazio da necessidade de jornais locais e de jornais regionais, afinal só prestam serviços precários ao trabalho prático. Em princípio, tudo isso é necessário, evidentemente, mas também é preciso pensar nas condições do meio e do momento quando se aborda um problema concreto de